

# OXIGÊNIO

JULHO 2023

o

NÚMERO 47

## AS CRIANÇAS DE ANTONIO OBÁ



# EDITORIAL

## PRAZERES EM REVOADA

Duas exposições emblemáticas – uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro – dialogam com a essência do sentimento negro, na visão de dois mestres da cultura brasileira.

Dois sentimentos, duas trajetórias, duas obras gigantes se encontram nas páginas da OXIGÊNIO. Heitor dos Prazeres (1898-1966) e Antônio Obá (1983) se cruzam no campo simbólico: o primeiro, músico, compositor e cantor, parceiro de Noel Rosa em composições históricas, chegou às artes visuais já consagrado na carreira musical. O brasileiro Antônio Obá e seu universo simbólico já cruzaram vários horizontes: de Amsterdã a Pequim, entre muitas outras cidades por onde sua obra tem passado.

No CCBB do Rio, a obra musical e os quadros de Heitor do Prazeres retratam muito da vida simples de uma cidade que se transformava pouco a pouco, entre sopros de uma vida europeia e branca e o eco da negritude construindo, a duras penas, o seu legado.

Na nova Galeria Praça da Pina Contemporânea, em São Paulo, Antônio Obá faz transparecerem os múltiplos dilemas, doçuras e lacerações da gente negra do tempo de hoje; até onde a alma e olhar alcançam, há esperança e luta, beleza e arte. É o simbolismo onírico que marca o artista sublima e revela, ao mesmo tempo, os dilemas do dia-a-dia, de braços dados com possíveis sonhos.

Antônio Obá transfigura as duras verdades do dia-a-dia em novas escritas plásticas: crianças suspensas, o perigo, a inocência, a vileza dos dias e a esperança presente nas cores, no movimento, e no que se adivinha nas entrelinhas de suas cenas surpreendentes.

Não será, decerto, mera coincidência que a obra desses dois grandes artistas se cruzam num mesmo tempo, e em duas cidades definitivamente marcadas pela presença da cultura negra e pelas contradições raciais em seu lado absurdo.

Brindemos!

Capa: Antonio Obá, *Fata Morgana nº1*, 2022. Foto: Bruno Leão

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Antonella Kann e Maurette Brandt

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | [oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com) | [www.oxigeniorevista.com](http://www.oxigeniorevista.com)

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

# ÍNDICE

04

**OXIGENE:** “*Mutações*” no Sesc São Paulo | 19º Paraty em Foco | Grupo de dança Sats reestrea o espetáculo “*Degraus*” | “*Fala das Profundezas*” em São Paulo | Peça “*Textos cruéis demais*” retorna ao Rio para falar sobre diversidade e liberdade de amar

15

**MATÉRIA DE CAPA:** *Revoada*, de Antonio Obá, na Pinacoteca de São Paulo

21

**TURISMO:** *The Fringe*, o festival que transforma Edimburgo no maior palco do mundo

25

Heitor dos Prazeres é meu nome

29

*Facchinetti (1824-1900) – Paisagens (Ir)reais* na Galeria Danielian, RJ

33

Paço Imperial RJ apresenta panorama da obra de Wilma Martins

39

*Daniel Feingold – Experiência Cromática* no Sesc Ramos, RJ

42

*Aparência*, no Paço Imperial, RJ

45

Masp inaugura três novas mostras dedicadas às histórias indígenas, o tema da instituição em 2023

51

*Cybèle Varela. Imaginários Pop*

55

Exposições inéditas na Casa de Cultura do Parque, SP

59

*Virtuosi* chega a sua 13ª edição em Gravatá, Pernambuco

63

*MUBI Fest* anuncia alguns dos destaques da edição 2023

65

**DIRETO DE LONDRES:** *Paisagens* de Katie van Scherpenberg



Foto: Ale Catan

## “MUTAÇÕES” no Sesc São Paulo

*Espectáculo reflete o caos contemporâneo sob a ótica filosófica milenar. Concebido e dirigido por André Guerreiro Lopes, “Mutações” marca o retorno do ator Luís Melo ao palco do Teatro Anchieta, após 21 anos*

Mutação e movimento. Os dois conceitos centrais da obra milenar I Ching, elaborados a partir da observação profunda da natureza e do homem, formam o eixo da encenação de *Mutações*. São os princípios de onde toda a construção teatral se ergue: o jogo dos atores, o uso do espaço, a dra-

matúrgia, a iluminação. A pesquisa do projeto se define como uma busca por “dar forma à impermanência”, tendo o vento em cena como recurso central. Os espaços foram criados para o espectador experimentar um estado de suspensão, assombro e imersão sensorial.

Mais próxima de princípios de justaposição e analogias do que da narrativa linear, a linguagem do espetáculo, segundo o diretor, foi desenvolvida a partir da intersecção entre as artes do teatro físico, da palavra poética e das artes visuais, na perspectiva de um teatro total. Ventiladores são estrategicamente colocados na área cênica movimentando figurinos e objetos, na busca de dar forma ao que o vento tem de mais poético: o invisível que movimenta o visível.

Tendo como base de apoio inspirações como as simbologias do *I Ching – O livro das mutações*, o espetáculo apresenta uma análise investigativa, a partir de múltiplas linguagens, com o intuito de construir uma estrutura narrativa baseada em princípios taoístas, que recorrem ao uso de parábolas e poemas para refletir sobre a condição humana. *“Uma forma de abraçar o caos, no lugar de negá-lo, de encontrar serenidade no centro nervoso de tudo o que nos move, mas também paralisa”*, afirma o diretor Andre Guerreiro Lopes.

Ele revela ainda que dentre as inúmeras perspectivas possíveis para abordar cenicamente o *I Ching*, o jogo de mutações, de alternância dinâmica de polaridades foi a que mais o interessou. *“O livro milenar é antes de tudo um código, uma simbologia para acessarmos as forças da natureza que regem o mundo dentro e fora de nós. O conceito central é o da mudança, o que instantaneamente estabelece um paradoxo. Se absolutamente tudo está em constante transformação, há algo que nunca muda, algo completamente imutável: a própria lei universal da mutação. É o fluxo dinâmico das nossas vidas, é o fluxo reinventado no palco. No espetáculo, as personagens estão em estado de instabilidade, mesmo quando há aparente imobilidade. As cenas justapostas ora se complementam, ora se contradizem, como versos de um grande poema. A imaginação ativa do espectador é onde o acontecimento se completa”*, concluiu.

## SERVIÇO

### Espetáculo *Mutações*

*Estreia nacional:* 7 de julho, sexta-feira, às 20h

*Temporada:* de 7 de julho a 20 de agosto

Sextas e sábados, às 20h, domingos, às 18h

*Teatro Anchieta – Sesc Consolação*

Rua Dr. Vila Nova, 245, Vila Buarque, São Paulo / SP

*Informações:* (11) 3234-3000

*Lotação do teatro:* 280 lugares

*Valor dos ingressos:* R\$ 50,00 (inteira), R\$ 25,00

(meia entrada) e R\$ 15,00 (credencial plena)

Os ingressos podem ser adquiridos antecipadamente no site [sescsp.org.br](http://sescsp.org.br) ou a nas bilheterias das unidades do Sesc São Paulo.

*Classificação:* Indicado para maiores de 14 anos

*Duração:* Aproximadamente 70 minutos



# 19º PARATY EM FOCO



Silvestre Machado, 1º colocado na categoria *Fotos Únicas* PEF 2016, *O garoto e o Circo*

*Inscrições abertas para o concurso de fotografia, nas categorias Fotos Únicas, Ensaios e Selfies. O Festival Internacional de Fotografia que acontece de 13 a 17 de setembro na cidade histórica de Paraty, RJ, irá homenagear Walter Firmo, fotógrafo considerado o “mestre da cor”*

Com inscrições abertas até 13 de agosto, a *Convocatória em Foco*, que atrai fotógrafos de diversos países, é destaque do Festival que seleciona e expõe trabalhos em três categorias: *Fotos Únicas*, *Ensaio* e *Selfies* – com exposição a céu aberto na Quadra da Matriz, um dos pontos nobres do Centro Histórico da cidade de Paraty. Uma janela aberta para novos talentos, ou mesmo profissionais consagrados exibirem sua produção, com imagens selecionadas por um júri de grandes profissionais da fotografia.

“*Da volta do filme à Inteligência Artificial*” é o tema da 19ª edição do Paraty em Foco. O evento chega a edição de 2023 mantendo a proposta de celebrar o passado e discutir os rumos da fotografia, apresentando profissionais consagrados e abrindo espaço para talentos emergentes. “*A fotografia vive um momento muito estimulante: de um lado, o resgate do filme; de outro, a*

*inteligência artificial, que muitos consideram uma ameaça à própria fotografia. Esse será o principal debate do Festival*”, diz Giancarlo Mecarelli, fotógrafo, idealizador, diretor e um dos curadores do Paraty em Foco.

O grande homenageado do 19º Paraty em Foco será o fotógrafo, “mestre da cor”, Walter Firmo. “*Ele construiu uma densa e essencial obra, com sólida presença na imprensa e na fotografia autoral, que resultou em um vasto acervo de mais de 140 mil imagens*”, resalta Sergio Burgi, coordenador de fotografia do Instituto Moreira Salles, que estará nos “Encontros e Entrevistas” do evento, entrevistando o próprio Firmo.

## SERVIÇO

### Convocatória em Foco – 19º Paraty em Foco

Inscrições através do site [www.pefparatyemfoco.com.br/](http://www.pefparatyemfoco.com.br/) – nas abas *Convocatória em Foco 2023* e *Selfies em Foco*.



Miriam  
Ramalho,  
Bebê  
Mursi



Foto: Igor Keller

## Grupo de dança Sats reestrea o espetáculo “DEGRAUS”

*A primeira apresentação será no dia 6 de julho, na Câmara dos Vereadores do município do Rio de Janeiro*

O espetáculo “Degraus” foi indicado ao Prêmio Cesgranrio em 2020 nas categorias Melhor Coreografia e Prêmio Especial pela pesquisa no espaço urbano. As apresentações gratuitas acontecem de quinta a domingo, de 6 a 16 de julho, sempre às 18 horas, na escadaria da Câmara, na Praça Floriano, no Centro do Rio. Contemplado pelo Fomento à Cultura Carioca (FOCA), da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, o

projeto, que conta com audiodescrição em toda a temporada, também ofereceu oficina e ciclo de palestras-performances com artistas convidados.

A criação de uma fissura como ação política na cidade norteou o interesse e a pesquisa do projeto coreográfico dos diretores e coreógrafos Deisi Margarida e Rodrigo Gondim, assim como a possibilidade de ocupar

prédios públicos e de caráter político como ação coletiva, espaço de criação e pensamento crítico.

*“De saída, para que “Degraus” aconteça enquanto ação, é necessário instalar-se sob um lugar e tomá-lo como um universo complexo. Praticamos uma espécie de permanência estranha e intensiva no local, sendo ele mesmo – a escadaria, o prédio da Câmara dos Vereadores –, ressignificado pelas possibilidades relacionais que ativamos. Desenvolvemos um vocabulário localizado, sendo possível redescobrir as potências do corpo na relação com o espaço”,* expõe Deisi Margarida.

Atravessando corpo e arquitetura, e as possíveis tessituras que organizam o espaço urbano como uma dinâmica, o projeto volta com novos intérpretes e mais amadurecido na sua relação de convivência com o público. *“Certamente há algo da versão anterior que permanece na versão atual, mas o corpo, como uma disputa transitória de sentidos, é sempre presentificado. Remontar é espiralar o tempo, rever e revisitar”,* explica Rodrigo Gondim.

## SINOPSE

“Degraus” é uma ação em dança que usa escadarias de prédios públicos para pesquisar, de forma intensiva, os corpos em situação de risco. Do tensionamento entre a mobilidade e a arquitetura, surge o desejo de reunir pessoas diante das instituições de poder para o exercício do comum como lugar de imaginação praticada. A rua em sua condição performativa é coautora e protagonista de agenciamentos entre os corpos, visíveis e invisíveis, que negociam estratégias e (re)encantamentos do espaço. Tudo aqui é coreográfico. Tudo está performando. Já está acontecendo.

## SERVIÇO

### Degraus

*Temporada:* 6 a 16 de julho

*Dias e horários:* de quinta a domingo, às 18h

*Escadaria da Câmara dos Vereadores Municipal*  
Praça Floriano, s/n, Cinelândia, Rio de Janeiro / RJ

*Ingressos:* gratuitos | *Classificação:* livre

\* Em caso de chuva, o espetáculo será cancelado.

Aviso do cancelamento será informado pelas redes sociais do grupo – Instagram: [@gruposats](https://www.instagram.com/gruposats)

Foto: Igor Keller





Foto: Jerê Nunes

## FALA DAS PROFUNDEZAS EM SÃO PAULO

*Núcleo Negro de Pesquisa e Criação  
apresenta espetáculo gratuito  
em espaços da Zona Leste e centro  
da capital paulista*



Foto: Thais Alves

Com dramaturgia e direção de Gabriel Cândido, o enredo da montagem traz uma realidade pautada pela exploração da força de trabalho em troca do básico para sobrevivência. A peça mostra a insurgência de um povo contra uma engrenagem que precariza a vida para acumular poder. As contradições desse povo despontam junto aos seus anseios, sonhos e prazeres no território em que vivem tendo como pano de fundo a iminência de uma combustão social.

Fala das Profundezas busca ativar imaginários de mobilização coletiva, no sentido de fazer crer que, mesmo em um contexto repleto de contradições e de escassez, é possível criar movimentos em prol de melhores formas de viver. “Esse ‘possível’, na peça, é apresentado ao longo da narrativa como uma espécie de centelha que vai se desdobrando em mais centelhas e, assim, animando as personagens que, apesar de tudo, sonham, festejam e confabulam como um ato contra o marasmo do sistema capitalista”, comenta o autor e diretor Gabriel Cândido.

A encenação do NNPC acontece em formato de arena, onde as atrizes e os atores propõem um jogo cênico de aproximação e distanciamento com o público durante toda a narrativa, assumindo-o como parte do acontecimento teatral. O diretor comenta: *“Um teatro negro que não está pautado pelo racismo gera estranhamento, pois é o que sempre esperam de nós. Penso que Fala das Profundezas não corresponde a essas expectativas porque buscamos o exercício da alteridade radical, quando debatemos questões presentes em toda a sociedade brasileira, desde relações afetivas até as relações de terra, trabalho e capital”*.

## SERVIÇO

### Espectáculo *Fala das Profundezas*

Com: Núcleo Negro de Pesquisa e Criação (NNPC)

Duração: 1h40 | Classificação: 12 anos

Ingressos: Gratuitos – 1h antes das sessões

Com interpretação em Libras

NNPC nas redes: [@nnpc.sp](https://www.instagram.com/nnpc.sp)

### Programação

**1º e 2 de julho – Sábado (às 19h) e domingo (às 17h)**

*Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes*

Rua Inácio Monteiro, 6900, Jardim São Paulo, Zona Leste, São Paulo / SP – Tel.: (11) 2392-2010

**8 e 9 de julho – Sábado (às 20h) e domingo (às 18h)**

Domingo (09/07): Bate-papo com Christian Moura

*Teatro Flávio Império*

Rua Prof. Alves Pedroso, 600, Cangaíba, Zona Leste, São Paulo / SP – Tel.: (11) 2621-2719

**13, 14 e 15 de julho – Quinta e Sexta (às 19h30) e Sábado (às 18h)**

*Oficina Cultural Oswald Andrade*

Rua Três Rios, 363, Bom Retiro, Centro, São Paulo / SP  
Tel.: (11) 3221-5558

**28, 29 e 30 de julho – Sexta (às 20h), sábado e domingo (às 19h)**

Domingo (29/7): Bate-papo com Soraya Martins

*Complexo Cultural Funarte SP | Sala Renée Gumiel*

Alameda Nothmann, 1058, Campos Elíseos, São Paulo / SP  
Tel.: (11) 3662-5177





Foto: Divulgação

Sucesso de público e crítica em São Paulo,  
peça “TEXTOS CRUÉIS DEMAIS” retorna ao Rio  
para falar sobre diversidade e liberdade de amar

*Escrito e dirigido pelo jornalista Carlos Jardim, espetáculo é livremente baseado  
no livro de Igor Pires, que vendeu meio milhão de exemplares*



Foto: Divulgação

Um mergulho profundo no amor e na dor. Nas delícias de se apaixonar e o sofrimento de ver o outro partir. O conturbado relacionamento de Pedro (Edmundo Vitor) e Fábio (Felipe Barreto) é o tema que compõe a narrativa do espetáculo *“Textos cruéis demais – Quando o amor te vira pelo avesso”*. A obra é uma adaptação para os palcos do livro de poemas *“Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente”*, de Igor Pires. Em cena, discussões sobre os desafios das relações modernas, monogamia, homofobia e racismo.

Depois de uma temporada com ingressos esgotados em São Paulo, a peça retorna ao Rio de Janeiro, onde estreou no começo do ano, e traz cinco músicas inéditas, compostas por Carlos Jardim e Liliane Secco. Igor participa como letrista em duas canções.

Lançado em 2017, o best-seller de Igor Pires está intimamente ligado ao mundo hiper conectado nas redes sociais e teve inspiração em conversas despreziosas com os seguidores e em suas experiências pessoais.

*“Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente”, vendeu meio milhão de exemplares e motivou o projeto TCD nas redes sociais, que tem quatro milhões de seguidores. Li uma reportagem sobre o livro e achei muito interessante que um jovem de vinte e poucos anos tivesse escrito histórias de amor tão intensas e ainda em forma de poesia. Logo percebi a força daqueles sentimentos, e como isso poderia ficar forte no palco”,* relembra Carlos Jardim,



Foto: Divulgação

que estreou na direção teatral após assinar direção e roteiro do bem-sucedido filme *“Maria – Ninguém sabe quem sou eu”*, sobre a cantora Maria Bethânia, em 2022.

Ainda que a história contada na peça seja um retrato dos relacionamentos atuais da juventude, a jornada de Pedro (Edmundo Vitor) para tentar se reencontrar como pessoa e os sentimentos que o movem são absolutamente atemporais e causam uma identificação imediata com o público. Devastado com o término de um tórrido e turbulento relacionamento, o protagonista relembra seus momentos com Fábio (Felipe Barreto) e compartilha uma série de confissões, dores, reflexões e lembranças com a plateia.

### **SOBRE CARLOS JARDIM**

Diretor e roteirista do filme *“Maria – Ninguém sabe quem sou eu”*, sobre a cantora Maria Bethânia, lançado em setembro de 2022, uma parceria da Noticiarte Produções com Globo Filmes, GloboNews, Canal Brasil e Turbilhão de Ideias. Campeão de bilheteria, foi o documentário nacional mais visto entre os 150 títulos do gênero lançados de 2019 pra cá, fazendo 20 mil espectadores em todo o país. É autor do livro *“Ninguém sabe quem sou eu (A Bethânia agora sabe!)”*, com bastidores do filme, lançado pela editora Máquina de Livros em agosto de 2022.

Há mais de 20 anos na TV Globo, Carlos Jardim fez parte da equipe de criação do programa *“Encontro com Fátima Bernardes”* e do time de roteiristas das temporadas 2019 e 2020 da *“Escolinha do Professor Raimundo”*. Atualmente é Chefe de Redação da GloboNews. Também fez parte da equipe de *“Jornal Nacional”* e *“Fantástico”*. Conquistou vários prêmios de destaque, como o Emmy Internacional de 2011 pela cobertura no JN da ocupação do Conjunto de Favelas do Alemão, no Rio de Janeiro.

Carlos Jardim é co-diretor e co-roteirista, ao lado de Felipe Sholl, do filme *“Textos cruéis demais – E as respostas que não ouvi”*, que assim como a peça é inspirado no livro *“Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente”*, de Igor Pires. Parceria da Noticiarte Produções com TV Zero e Raccord, a produção está em negociação com o streaming e tem previsão de lançamento em 2024.

### **SERVIÇO**

**Espectáculo *“Textos cruéis demais – Quando o amor te vira pelo avesso”***

*Teatro Café Pequeno*

Avenida Ataulfo de Paiva 269, Leblon, Rio de Janeiro / RJ

*Temporada:* De 8 a 23 de julho

*Horário:* Quinta a sábado, 20h; Domingo, 19h

*Ingressos:* R\$50 (inteira) | R\$25 (meia-entrada)

*Duração:* 60 min | *Classificação:* 16 anos

# REVOADA, DE ANTONIO OBÁ, na Pinacoteca de São Paulo

*Com obras fundamentais, REVOADA é a primeira mostra de um artista brasileiro a ocupar a Galeria Praça da recém-inaugurada Pina Contemporânea. A mostra tem a figura da criança como fio condutor*

Antonio Obá, *Instalação Revoada*, 2023  
Foto: Chris Ruffato



Com curadoria de Ana Maria Maia e Yuri Quevedo, *Revoada* é constituída por três importantes pilares, que conduzem a narrativa da exposição: a rememoração de acontecimentos históricos – em geral marcos de violência e luta por direitos de pessoas negras nos Estados Unidos –, a atribuição de novos significados a esses episódios e o processo educativo. Juntos, cada um desses aspectos do trabalho de Antonio Obá constituem

um programa para lidar com o tempo, articulando ações de ressignificação, transformação e emancipação.

A mostra apresenta cerca de 20 pinturas e uma instalação inédita, que dá título à exposição, tendo a figura da criança como fio condutor. Também compõem a exposição obras pouco vistas no Brasil, como *Banhistas nº 3 – Espreita* (2020) e *Fata Morgana nº 1* (2022).

Antonio Obá, *Banhistas nº 3 – Espreita*, 2020

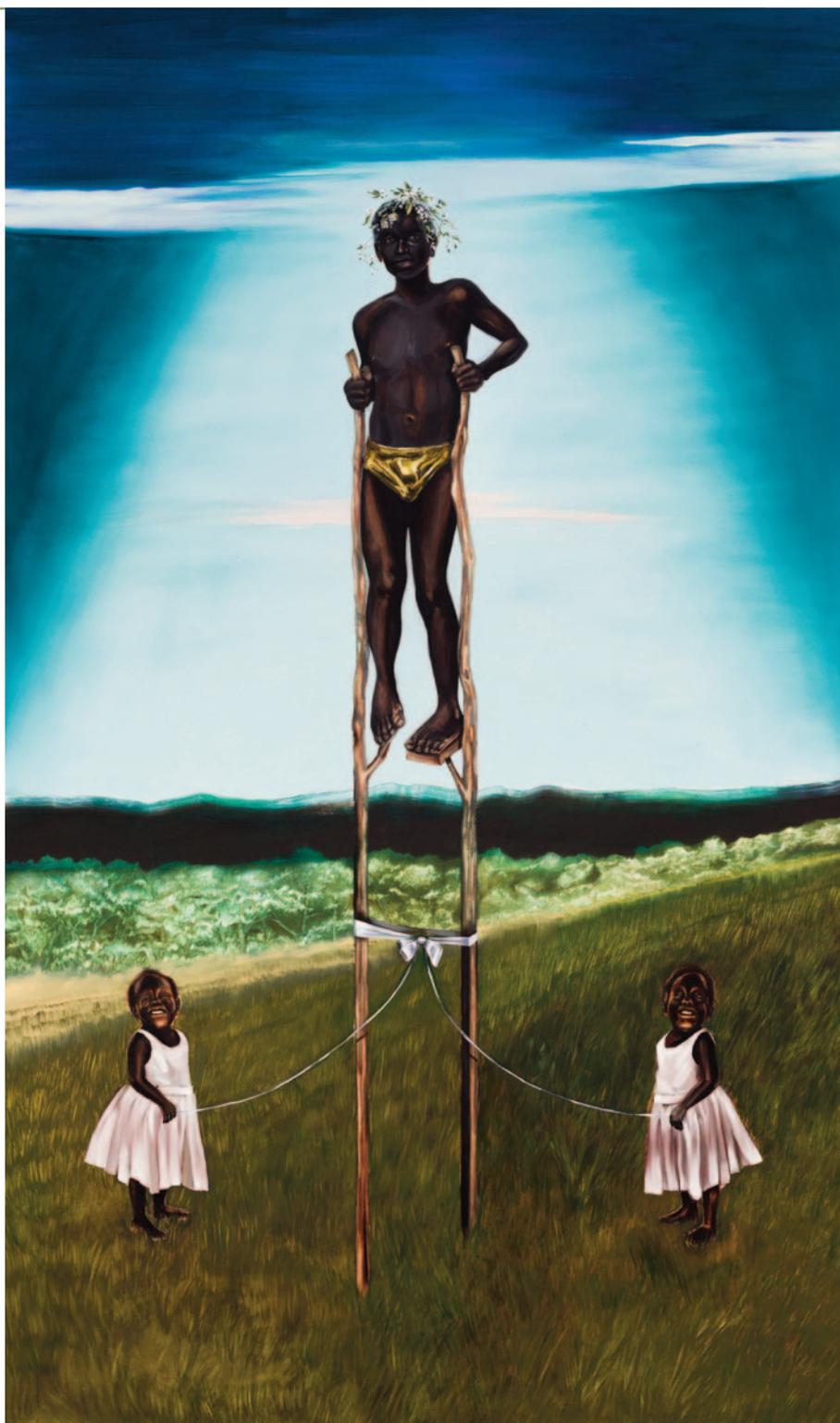
Foto: Bruno Leão



A instalação *Revoada* foi construída em diálogo com a história do museu, que nasceu originalmente para ser uma escola. No início do século XX, o edifício da Pina Luz funcionava como o Liceu de Artes e Ofícios, escola dedicada à educação artística voltada para a capacitação profissional dos alunos.

Entre as técnicas ensinadas no Liceu estava a fundição, linguagem escolhida pelo artista para desenvolver a instalação. Durante os últimos meses, Obá organizou oficinas na Pina Contemporânea, na Ocupação 9 de Julho (Movimento Sem Teto do Centro) e no Colégio Vera Cruz, onde moldou cerca de 200 pares de mãos de crianças em resina. Agora essas peças alçam voo na Galeria Praça – pavilhão que conserva os arcos trabalhados em ferro da construção da antiga Escola Estadual Prudente de Moraes.

*“Fundindo essas mãos, Obá ensina o procedimento da moldagem ao mesmo tempo que interpreta a presença dessas crianças no espaço, considerando a marca expressiva de cada uma. Contida nesse gesto, está a crença na dimensão coletiva das memórias e na educação como processo que garante autonomia*



Antonio Obá, *Figuras no caminho – Criança suspensa*, 2022 Foto: Bruno Leão

e liberdade. Os sujeitos lembram, sabem e agem”, conta o curador Yuri Quevedo.

### AS CRIANÇAS EM ANTÔNIO OBÁ

Além da instalação, 20 pinturas se organizam a partir do tema da infância e de um movimento vertical, muito presente no trabalho de Obá. No percurso de revisitar momentos da história, o artista inscreve a tragédia e a violência em um tempo mítico, transformando os personagens históricos em entidades, arquétipos que podem rever sua posição na própria história.



Antonio Obá, *Tocaia*, 2019

Por meio de seu trabalho, busca transmutar momentos trágicos em episódios poéticos, sem esquecer aquilo que martirizou quem viveu esses momentos. Esse procedimento pode ser observado em *Figuras no caminho – Criança suspensa* (2022), em que o artista retoma a iconografia cristã da crucificação, suspendendo um garoto sobre pernas de pau, seguradas por duas meninas. A suspensão retira o garoto da terra e do tempo corrente. Nesse tempo sem dor, a coroa não é mais de espinhos, mas sim de flores.

A infância em Antônio Obá não é ingênua. As crianças-personagens do artista são agentes do seu tempo, conscientes e capazes de transformar o mundo. Na pintura *Tocaia* (2019), um menino santo, sem rosto, é atacado por uma pomba, ao mesmo tempo em que consegue reter uma segunda ave com a outra mão. O garoto aprende, se disfarça de isca, atrai e domina seu algoz.

A criança de *Wade in the water – after Adriana Varejão* (2019) nos desafia frente a uma piscina que se refere à série *Saunas*, da artista citada no título. A pintura faz alusão à canção *Wade in the water*, do gênero *spirituals*, criada e cantada por negros escravizados nos Estados Unidos. A letra é atribuída a Harriet Tubman (Con-



Antonio Obá, *Wade in the water (after Adriana Varejão)*, 2019

Foto: Bruno Leão

dado de Dorchester, 1822-Auburn, 1913), uma mulher negra, que nasceu escravizada, e se tornou importante agente na luta pela abolição e, posteriormente, pelo voto feminino. Tubman conduzia fugitivos por uma rota conhecida como *Underground Railroad* (Ferrovia subterrânea), cantando a canção como uma forma de alertar quem protegia para se esconder. Relatos afirmam que ela salvou cerca de 300 pessoas.

Em *Banhistas nº 3 – Espreita* (2020), Obá faz referência a um acontecimento de junho de 1964, no hotel Monson

Motor Lodge, Saint Augustine, Flórida. Martin Luther King (Atlanta, 1929-Memphis, 1968), líder do movimento antissegregacionista, tentou se servir de almoço e foi impedido pelo gerente. Ao insistir, foi preso por invasão de propriedade. Dias depois, um grupo de manifestantes brancos e negros mergulhou na piscina do hotel em sinal de protesto. Em reação, o mesmo gerente despejou um galão de ácido muriático nas águas. A fotografia mais famosa desse acontecimento é de Horace Cort (1913-1988), a partir da qual Obá pinta. Na obra, o vilão dá lugar a um crocodilo, uma

alusão às histórias em que crianças escravizadas eram usadas como isca. As crianças da cena ficam à espreita, elas agora se tornaram predadoras.

Obras que retomam a ideia de um movimento de suspensão dos personagens complementam a mostra. *Fata Morgana nº 1* (2022), os estandartes *Crianças suspensas* (2022), *Angelus* (2022) e a série *Strange fruit* (*Fruto estranho*), poucas vezes expostas no Brasil, poderão ser vistas pelo público. O visitante terá acesso a vídeos explicativos sobre cada obra da exposição, na voz do artista, por meio de um QR Code.

A exposição *Antonio Obá: Revoada* é patrocinada pela Lívolo, na cota Apresenta.

## SOBRE O ARTISTA

Antonio Obá (Ceilândia, 1983) vive e trabalha em Brasília. O artista participa de exposições coletivas e individuais desde 2001, com um trabalho que maneja história e universo simbólico, alinhavando linguagens e experiências próprias. Suas últimas exposições incluem *Path, Oude Kerk, Amsterdam*; *Antonio Obá: Fables*, X Museum, Pequim (2022); *Carolina Maria de Jesus, um Brasil para os brasileiros*, IMS Paulista, São Paulo (2021); *Enciclopédia Negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (2021).

## SERVIÇO

### Exposição *Antônio Obá: Revoada*

Até 18.02.2024

Pinacoteca Contemporânea – Galeria Praça

Avenida Tiradentes, 273, Luz, São Paulo / SP

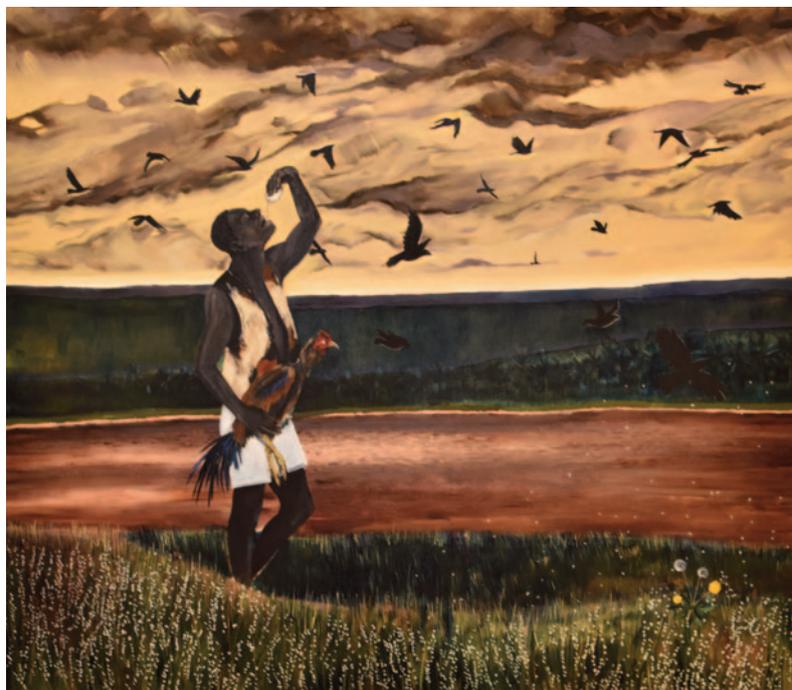
De quarta a segunda, das 10h às 18h – Gratuitos aos sábados

R\$ 10,00 (inteira) e R\$ 5,00 (meia-entrada)



Antonio Obá, *Angelus*, 2022

Foto: Chris Ruffato



Antonio Obá, *Música Incidental Black Bird*, 2020

Foto: Chris Ruffato

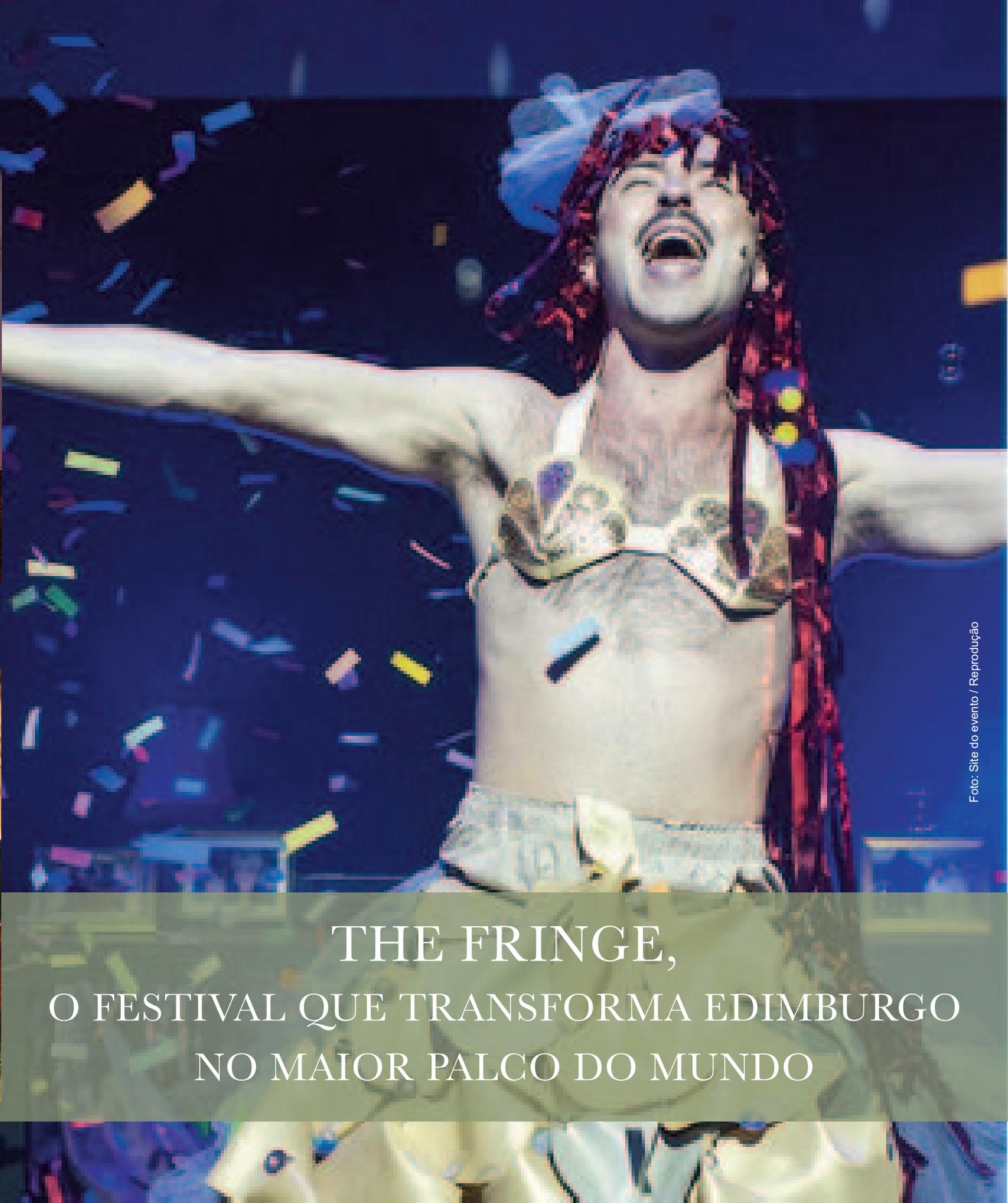


Foto: Site do evento / Reprodução

THE FRINGE,  
O FESTIVAL QUE TRANSFORMA EDIMBURGO  
NO MAIOR PALCO DO MUNDO

*Agosto em Edimburgo é a época do Fringe, o mais famoso festival de artes musicais e cênicas da Escócia. Não é à toa que a cidade, durante três semanas seguidas, é conhecida como a maior extravagância cultural do mundo.*  
*Programe-se!*

Texto: Antonella Kann  
[www.antonellakann.com](http://www.antonellakann.com)  
[antonellak1954@gmail.com](mailto:antonellak1954@gmail.com)

Mesmo vestindo um resplandecente traje de Highlander – um kilt tartã, num típico estilo McGregor – em plena Royal Mile, a rua mais movimentada de Edimburgo, não é possível chamar a atenção de ninguém durante o mês de agosto na capital escocesa: todos os olhos estão voltados para o mais famoso festival de artes musicais e cênicas de toda a Europa, o Fringe. A cidade inteira vira palco e os atores, profissionais e amadores, invadem as ruas para fazer as suas performances diante de dezenas de plateias flutuantes. Não é à toa que Edimburgo, du-

rante três semanas seguidas, é conhecida como a maior extravagância cultural do mundo.

Tudo começou em 1947. A Guerra havia acabado há pouco tempo, e o clima não era de festa. Na Europa, reinava a austeridade. Para dissipar o desânimo, as autoridades decidiram tornar a cidade a capital cultural do mundo, dando início ao primeiro Festival de Edimburgo. Até aí, tudo conforme o figurino da época – organização, esquemas montados, reservas de bilhetes, programação.



Performance  
de rua  
Foto:  
David Monteith-Hodge

No entanto, apareceram oito grupos de teatro que não tinham sido “oficialmente” convidados. Como não havia mais espaço nos teatros para que pudessem encenar as suas peças, eles se acomodaram e atuaram em palcos improvisados, afastados dos principais centros de apresentação. Sem bilheterias, sem programas impressos, sem publicidade. Mas.... com espectadores sedentos por novos talentos, por algo diferente, original, irreverente. Pronto: naquele momento acabava de ser criado o primeiro *Fringe* – palavra que, traduzindo ao pé da letra, significa margem. Ou seja, o Fringe é, até hoje, um espetáculo à parte, espontâneo, em teoria “marginalizado” do show principal. No entanto, mais de meio século depois, é considerado como o sal e a pimenta do evento, que reúne todas as artes cênicas.

A cada ano, o Fringe acomoda mais gente, oriunda de todos os cantos do planeta. Agora, já existem programas separados com horários e datas, além de uma organização dos espetáculos, que são montados nas *venues* – locais improvisados transformados em palcos. E como não há um número de palcos suficiente para as apresentações de todos os grupos, companhias, artistas, atores e músicos, os shows podem acontecer tanto dentro de uma igreja como num estacionamento, ou no pátio de uma escola, numa galeria, num galpão abandonado, num gramado ao ar livre ou até mesmo... num teatro de verdade. Contrariando os costumes, é possível assistir a uma peça de manhã cedo, ou depois da meia-noite. Tudo pode acontecer durante o Fringe.



Foto: Kim Traynor / Wikipedia



Foto: David Monteith-Hodge



Foto: David Monteith-Hodge



Fotos: David Monteith-Hodge



Até os anos 80, era ilegal performar qualquer show em locais públicos, como praças e ruas. Quem fosse pego em flagrante acabava sendo autuado. De duas décadas para cá, as calçadas e os paralelepípedos de Edimburgo desempenham o papel de gigantesco palco e acabaram se tornando o lugar de praxe para que artistas em potencial como malabaristas, mágicos, contorcionistas, mímicos, palhaços, músicos e afins, exibam o seu talento – e obtenham alguma glória (e, é claro, também alguns trocados) durante aqueles dias. O público vai curtindo os shows praticamente a cada esquina, surpreendendo-se com as peripécias, o potencial e a criatividade.

O que diferencia o festival de Edimburgo de qualquer outro é que ninguém é convidado, mas qualquer artista ou companhia é bem-vindo e aplaudido. Dançarinos, grupos alternativos, cantores ou comediantes, sejam eles celebridades ou meros desconhecidos, sejam bons, medíocres ou talentosos, não importa. Eles se tornam presença constante em palcos de rua ou entre quatro paredes, em qualquer auditório. Lá, podem extravasar a sua criatividade divertindo a plateia. O que vale é o ecletismo.

O Festival *The Fringe* já contabilizou mais de 50 agostos festivos. Durante quase um mês, pode-se assistir a mais de 30 espetáculos de dança e mímica; ouvir música –

mais de 100 shows folclóricos escoceses, cerca de 20 conjuntos internacionais, óperas, recitais e acima de 60 grupos de rock. Sem contar as peças de teatro, do drama à comédia, e os filmes do Festival de Cinema.

Há espaço para profissionais e amadores, que são responsáveis pelo entretenimento de milhares de espectadores oriundos de vários países. Durante esse mês, não é difícil esbarrar em todo tipo de celebridades internacionais, desde artistas de cinema e televisão a cantores de ópera, que perambulam junto com a multidão pelas ruas de Edimburgo sem dar a mínima para o alvoroço que reina quase 24 horas por dia.

O Fringe se tornou o maior festival do mundo com mais de mil companhias vindas de 36 nações diferentes, que atuam em 1.523 espetáculos, em 189 espaços distintos no decorrer de 23 dias. Por sua vez, os visitantes contabilizam mais de meio milhão de pessoas. É, sem dúvida, o maior palco do planeta.

O Festival de 2023 é de 4 a 28 agosto. Maiores informações, programação completa e compra de bilhetes pela internet podem ser acessadas pelo site

[www.edfringe.com](http://www.edfringe.com)

email – [admin@edfringe.com](mailto:admin@edfringe.com)

ou tel.: 00xx44 (0) 131 2260026

Heitor dos Prazeres,  
*A mulher abstrata*,  
1961 Foto: Divulgação



"HEITOR DOS PRAZERES É MEU NOME"

*Exposição no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro apresenta uma das maiores retrospectivas históricas da obra do artista. Mostra reúne mais de 200 trabalhos, incluindo o figurino do balé do IV Centenário, completamente restaurado, que será exibido ao público pela primeira vez*

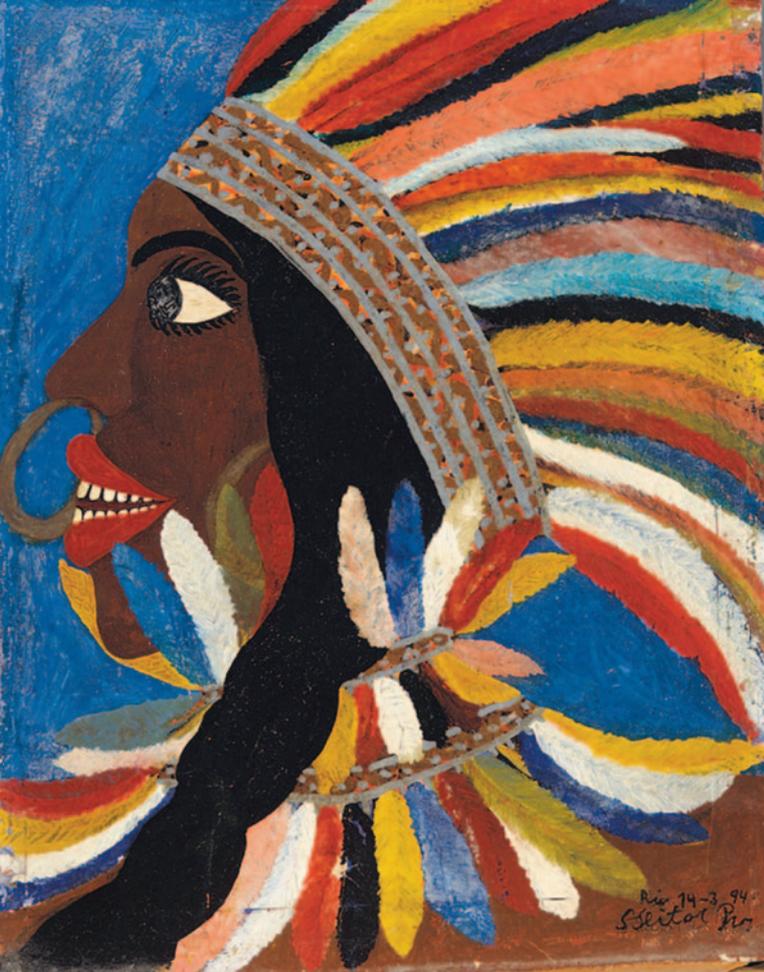
Pinturas, canções, partituras, projetos, desenhos, discos e indumentárias marcam a trajetória de Heitor dos Prazeres (1898-1966) e sua relação com diferentes esferas da produção cultural. As principais obras do artista – em cada uma das suas áreas de criação – encontram-se em "*Heitor dos Prazeres é meu nome*", uma das maiores retrospectivas do multiartista já realizadas no País.

Importante sambista, compositor e instrumentista, Heitor dos Prazeres ingressou nas artes visuais produzindo trabalhos que refletem a realidade pós-escravagista da população negra. No momento em que as elites do Rio de Janeiro e do Brasil estavam voltadas para os valores do branco europeu, da matriz colonialista, o artista, em sentido oposto, reproduzia em seus

Heitor dos Prazeres, *Praça XV*, 1965

Foto: Divulgação





Heitor dos Prazeres, *Caboclo Índio*, 1942

Foto: Divulgação

trabalhos o que via e experimentava nas vivências como homem negro: os fluxos migratórios de africanos e seus descendentes, a mudança do campo para a cidade, a religiosidade, a repressão policial, a capoeira, o samba, a afetividade, entre outros temas. A relevância de sua obra, instigante e inovadora, animada pelo protagonismo do negro na sociedade brasileira, e suas aspirações de liberdade e igualdade, resultaram na sua cassação pelo Ato Institucional nº 1, de 1964.

Como sambista, desempenhou papel fundamental na criação de blocos e ranchos e na fundação das primeiras escolas de samba do Rio de Janeiro: Mangueira, Portela e Deixa Falar, que mais tarde ganhou o nome de Estácio de Sá. Frequentador da casa

de Tia Ciata, compôs com Noel Rosa a famosa canção "*Pierrô Apaixonado*" e muitas outras de autoria própria, e conviveu com baluartes como Cartola, Paulo da Portela e Pixinguinha.

Heitor do Prazeres ingressou na pintura já consagrado na carreira musical e no samba. Participou de mostras e exposições de relevância nacional e internacional. Em 1951, recebeu prêmio na I Bienal de Arte de São Paulo na categoria pintura nacional. Em 1953, participou com obras em sala especial da II Bienal de São Paulo. Em 1961, expôs no Museu de Arte Moderna do Rio (MAM-RJ). Em 1966, em seu último ano de vida, participou do I Festival de Artes Negras em Dakar, no Senegal.

Haroldo Costa, curador da exposição junto com Raquel Barreto e Pablo León de La Barra, esteve com o artista em Dakar: "*Heitor foi, em sua época, o que viríamos a denominar, hoje, artista multimídia. Uma grande satisfação poder apresentar a trajetória desse extraordinário criador e sua obra pioneira, elegante e surpreendente para o grande público do CCBB RJ*".

### MÚSICAS E OBRAS REUNIDAS EM 10 SALAS

Canções de sucesso do artista são reproduzidas em som ambiente nas 10 salas que abrigam a mostra, dividida em núcleos. "*Paisagens, territórios e cartografias de Heitor*" abre a exposição reunindo paisagens pintadas pelo artista, o que inclui o norte fluminense ruralizado, a formação dos subúrbios e das favelas e algumas cenas rurais do início do século XX, onde hoje estão localizadas as zonas Norte e Oeste do Rio.



Heitor dos Prazeres,  
*O Sonho*, 1939  
Foto: Divulgação

Já o núcleo *“Um pintor extraordinário”* destaca o domínio da técnica e a consciência estética do artista. A vida da população negra no século passado encontra-se no núcleo *“Heitor dos Prazeres, um pintor da vida moderna negra”*, onde estão obras sobre feiras e fábricas, relações afetivas, brincadeiras e jogos, a boemia e a malandragem. Em *“África em miniatura”* estão a vivência na casa de Tia Ciata, o carnaval, as rodas de samba e a religiosidade de matriz africana. Cinco outros núcleos fazem parte da exposição: *“O pintor e a modelo”*, *“Ballet do IV Centenário + obra + mobiliário”*, *“Cronologia 1888-1937”*, *“Cronologia “1938-1954”* e *“Cronologia 1955-1966”*.

Entre os principais destaques da mostra, as obras expostas por Heitor dos Prazeres em três bienais: *“Candango”* (1950), que participou da I Bienal de Artes de São Paulo, *“Praça XV”* (totalmente restaurada), que compôs o histórico I Festival de Artes Negras, no Senegal, em 1966, *“A mulher abstrata”* e *“Jogadores de sinuca”*, que estiveram na VI Bienal de São Paulo. Obras de acervos do Museu de Arte de São Paulo (MASP), da Pinacoteca de São Paulo, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), do Museu Castro Maya e do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros

(Ipeafro) também compõem a exposição, assim como quadros da coleção de Gilberto Chateaubriand.

*“Heitor dos Prazeres é meu nome”* – que tem o patrocínio do Banco do Brasil, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura – ainda exhibe *“O sonho”* (1939), obra mais antiga da exposição, e *“Caboclo”*, do início da década de 40. O mobiliário do artista e os quadros *“O sonho”* e *“Caboclo”* foram emprestados pela família, assim como os estudos e desenhos. O figurino do balé do IV Centenário produzido por Heitor dos Prazeres – totalmente restaurado – é exposto ao público pela primeira vez.

## SERVIÇO

### Exposição *“Heitor dos Prazeres é meu nome”*

Até 18 de setembro

Centro Cultural Banco do Brasil

R. Primeiro de Março, 66, 1º andar, Centro, Rio de Janeiro / RJ

*Funcionamento:* Segundas, quartas, quintas, sextas e sábados, das 9h às 21h; e Domingos, das 9h\* às 20h

\*Aberto ao público com deficiência mental / intelectual das 8h às 9h, em atendimento à Lei Municipal nº 6.278/2017

*Contato:* (21) 3808-2020 | [ccbbrio@bb.com.br](mailto:ccbbrio@bb.com.br)

*Mais informações:* [bb.com.br/cultura](http://bb.com.br/cultura)

*Classificação indicativa:* Livre

Entrada Gratuita – Retire seu ingresso na bilheteria física ou em [bb.com.br/cultura](http://bb.com.br/cultura)

## FACCHINETTI (1824-1900) – PAISAGENS (IR) REAIS NA GALERIA DANIELIAN, RJ



Nicolau Facchinetti, *Entrada da Baía do Rio de Janeiro*, 1880

Foto Jaime Acioli

*Em celebração ao bicentenário de nascimento de Nicolau Facchinetti, a galeria exhibe 50 obras do “mestre da pintura de paisagem panorâmica”. Os visitantes receberão pequenas lupas para apreciar minuciosamente o trabalho do artista*

“*Facchinetti (1824-1900) – Paisagens (Ir) reais*” reúne aproximadamente 50 obras selecionadas pela curadora Denise Mattar. O detalhamento da pintura de Facchinetti, minuciosamente reproduzido em pinceladas muito pequenas, é um dos fatores de encantamento de sua produção. E pequenas lupas de bolso são ofertadas aos visitantes para que possam observar o perfeccionismo buscado pelo artista. Correspondendo às primeiras tendências modernas na arte, Facchinetti pintava ao ar livre em busca de uma cap-

tação real tanto da paisagem como da luz e do momento do dia em que foram feitas, como fica expresso em diversas descritivas que o artista colocava minuciosamente no verso das obras, enfatizando quem havia feito a encomenda da pintura.

O par de pinturas de 1872, pertencente à Coleção João Phillipe de Orléans e Bragança – “*Baía do Rio de Janeiro tomada do Forte do Leme*” e “*Praia de Copacabana tomada do Forte do Leme*” – é um ótimo exemplo,

onde é possível observar muito bem essas escolhas. Feitas a partir dos arcos no alto da Ladeira do Leme, que liga Botafogo a Copacabana, hoje trajeto alternativo ao Túnel Novo, as duas pinturas mostram de um lado a enseada de Botafogo e parte da Urca, onde hoje se encontra um campus da UFRJ, e de outro Copacabana. No verso das telas, Facchinetti descreveu minuciosamente seu trabalho em italiano, destacando a encomenda feita pela Princesa Isabel e seu marido Conde D'Eu: *"Spiaggiadi Copacabana sul l'oceano presso. Il Golfo di Rio de Janeiro: dipinta sul lugo, Del Fortino abbandonato do Leme. Commissione delle Loro AA.EE.L'Imperiale principessa Isabella Del Brasile e L'Augusto suo esposo il Conte D'Eudella Casa D'Orleans (...)marzo 1872"*.

### FAZENDAS DE CAFÉ E DESMATAMENTO

Facchinetti deixou um importante legado histórico ao retratar as fazendas de café que ocupavam todo o Es-

tado do Rio de Janeiro ao longo do século XIX, e também as localizadas em São Paulo e Minas. Suas pinturas eram tão detalhadas, que ganharam, à época, status de propaganda de seus proprietários, acabando por se transformar em registros históricos – a produção de Facchinetti torna-se uma memória das transformações econômicas por que passava o país, e as mudanças sofridas na paisagem.

Apesar de serem encomendas feitas ao artista por uma elite agrária, Facchinetti não hesitou em registrar o estrago que o cultivo, ainda feito com mão de obra escravizada, causava na paisagem, juntando-se assim a artistas como Félix Émile Taunay (1795-1881), que também denunciava a rápida degradação do meio ambiente, salienta Denise Mattar.

Duas obras da exposição ilustram essas questões: *"Alto da Tijuca – Fazenda de M.U. Lemgruber"* (1879) e *"Vista*



da casa nº 51 na Estrada Velha da Tijuca” (1885). Na metade do século XIX, o desmatamento no entorno do Rio de Janeiro provocou umas das maiores crises de abastecimento de água da cidade. Em resposta, D. Pedro II ordenou a desapropriação de terras e o reflorestamento de grande parte do que é hoje o Parque Nacional da Tijuca. Nas pinturas é possível ver tanto as áreas ocupadas pelas plantações, como áreas da floresta nativa e de regiões já em processo de replantio. Levar ao público a reflexão sobre essas transformações é um dos objetivos da exposição.

#### **FOTOGRAFIAS DE ÉPOCA E ATUAIS DAS PAISAGENS DE FACCHINETTI**

Para que o público possa ver as transformações do Rio de Janeiro e sua paisagem, a expografia criada por Tania Sarquis, do Estúdio Sauá, irá apresentar imagens de época, de fotógrafos como Augusto Malta (1864-1957), além de fotos atuais feitas por Jaime Acioli (1966) especialmente para a exposição.



Nicolau Facchinetti, *O Paquequer em Theresópolis - Cascata na Fazenda Soledade*, 1880

Foto Jaime Acioli



Nicolau Facchinetti,  
*Baía de Botafogo*,  
1875

Foto Jaime Acioli

Ainda com o objetivo de levar conhecimento ao público sobre a produção do artista, durante o período da exposição será lançado um livro contendo as imagens das obras expostas e textos de Denise Mattar, e dos pesquisadores Paulo Knauss e Rafael Peixoto.

### PAISAGENS PANORÁMICAS

Nas paisagens de Facchinetti percebe-se a priorização em mostrar a natureza em detrimento de edificações ou situações urbanas. A natureza é sempre protagonista em sua obra: cachoeiras, montanhas, rios, a Baía da Guanabara, a Lagoa Rodrigo de Freitas e o céu, espaço onde o artista manifestou seu encantamento com a luz tropical brasileira. Herdeiro de uma tradição italiana de pintura de paisagem – a *veduta* (vista, em italiano), paisagens panorâmicas e ricas em detalhes – sua produção historicamente fica situada entre o naturalismo e o impressionismo sem pertencer a nenhum destes movimentos.

### SOBRE FACCHINETTI

Nicolau Facchinetti nasceu em 7 de setembro de 1824, em Treviso, próximo a Veneza, Itália. Em 1849 veio para

o Rio de Janeiro. Em um primeiro momento, produz principalmente retratos e atua também como cenógrafo. A partir da metade da década de 1860, faz paisagens das regiões serranas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e das fazendas de café do Vale do Paraíba, em São Paulo. O artista viaja para estudar as características da região e realiza desenhos em papel, que transpõe posteriormente para a tela. A pintura de paisagens é o gênero no qual se consagra como um dos mais importantes artistas de sua geração. Facchinetti morreu no Retiro da Boca do Mato, Engenho Novo, no Rio de Janeiro, em 15 de outubro de 1900.

### SERVIÇO

**Exposição “Facchinetti (1824-1900) – Paisagens (Ir) reais”**

Até 12 de agosto

Danielian Galeria

Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Segunda a sexta-feira, de 11h às 19h

Sábados, de 11h às 17h

Tels.: (21) 2522-4796 / 98802-8627

[contato@danielian.com.br](mailto:contato@danielian.com.br)

<https://www.danielian.com.br/>

Paço Imperial RJ  
apresenta  
panorama  
da obra de  
Wilma Martins  
(1934-2022)

*Exposição, com curadoria  
de Frederico Moraes  
e Stefania Paiva,  
é a primeira desde  
o falecimento da artista,  
em 2022*

Wilma Martins,  
*Flores e troncos 4*  
Foto: Vicente de Mello



*flores e troncos 4 4/10*

*Wilma Martins  
00*



Wilma Martins, *Juízo Final*

Foto: Vicente de Mello

Um panorama da consistente obra da artista Wilma Martins (Belo Horizonte, 1934 - Rio de Janeiro, 2022) está em exposição no Paço Imperial Rio de Janeiro: “Wilma Martins – Território da memória”, a primeira mostra póstuma da artista falecida no ano passado, aos 88 anos. Gravuras, pinturas, desenhos e cadernos, que mostram a potência e as diversas facetas de sua obra, compõem os 37 trabalhos selecionados, além de estudos, em um conjunto nunca antes reunido, incluindo obras pouco conhecidas, desde suas primeiras produções até a última. A curadoria é assinada por Frederico Moraes, crítico de arte e marido da artista, e Stefania Paiva, historiadora da arte, que conviveu intensamente com Wilma nos seus últimos anos de vida.

*“Contemplar sua obra é olhar para dentro da artista. E Wilma nos transporta para outros domínios, para im-*

*pensáveis cenas, dessas que só aparecem nos delirantes sonhos. A seu modo, construiu um mundo com a riqueza do mistério, capaz de cativar até mesmo o mais desatento espectador. Sua delicada força está em tudo o que ela criou”, afirma Stefania Paiva.*

A exposição apresenta desde os primeiros trabalhos da artista – pequenas gravuras da década de 1960 –, passando por xilogravuras maiores, pinturas e desenhos, chegando até a última obra feita por ela – “*Dona Marta 24h*” (2016), composta por 25 desenhos, que representam o Mirante Dona Marta, no Rio de Janeiro, em cada hora do dia e da noite, durante um período de 24 horas.

#### **XILOGRAVURAS**

No início dos anos 1960, Wilma Martins produziu gravuras em preto e branco, em pequenos formatos,

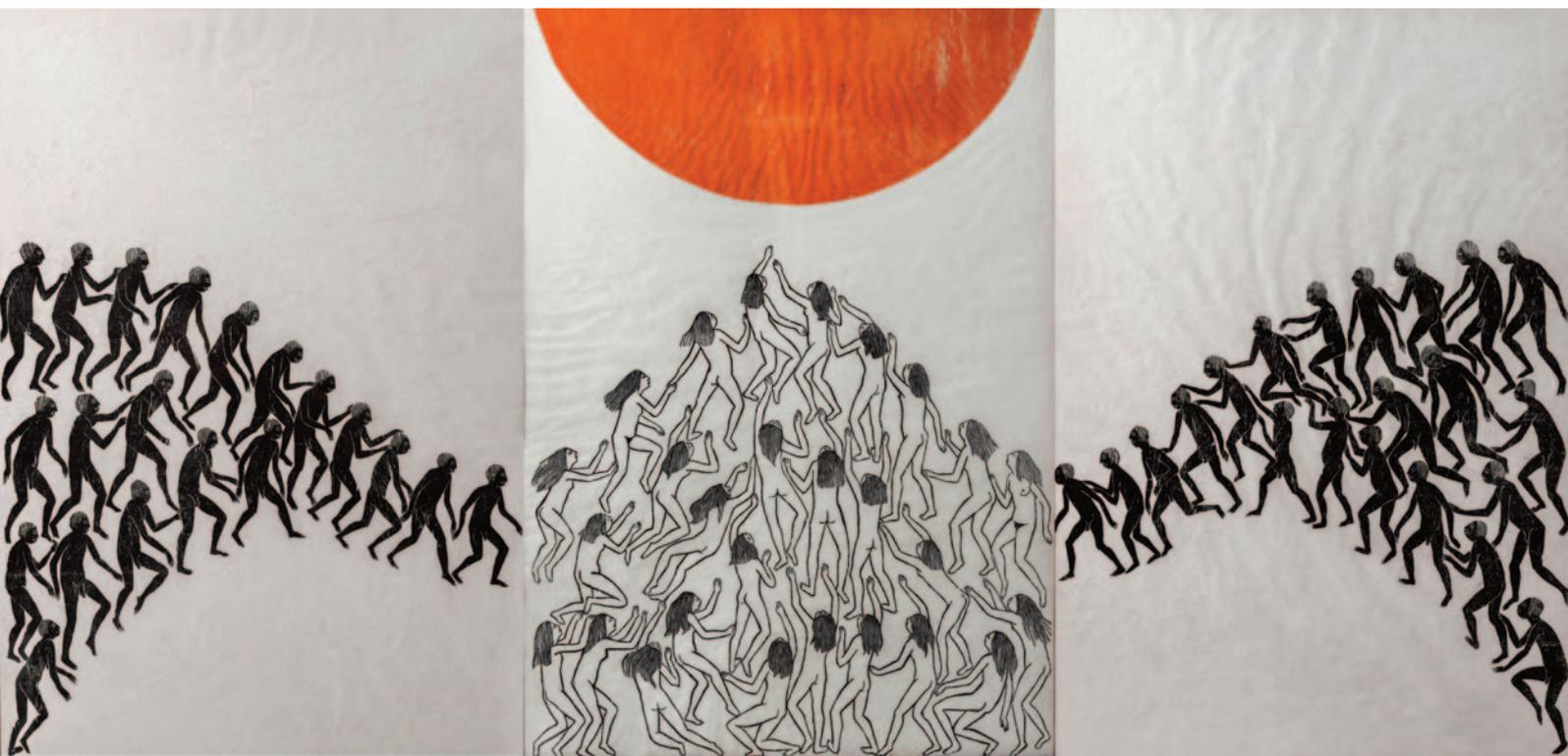
que apresentam, sobretudo, um exercício de observação da fauna e da flora. Após esse período inicial, passou a elaborar trabalhos em grandes formatos, com formas orgânicas e geométricas, criando cenas místicas, alegóricas, compostas de núcleos onde seres se misturam entre si.

*“Os temas que Wilma aborda em suas gravuras são aqueles que falam da condição feminina – fecundação, gravidez etc. Mas esses temas aparecem estranhamente mesclados com outros – frequentes na arte medieval, que é sempre religiosa. No entanto, ela não foi buscar essa iconografia nos vitrais coloridos, mas nos psautiers nos quais encontrou toda forma de arcaísmos, anacronismos, de capitulares e iniciais zoomórficas, assim como enorme variedade de tramas gráficas, formas cilíndricas, ovoides etc”, diz Frederico Moraes.*

Entre as xilogravuras apresentadas na exposição está o tríptico *“O encontro”* (1971), *“a maior e a mais despojada e impactante xilogravura realizada por Wilma Martins”, segundo Frederico Moraes. “É uma releitura do painel central do políptico ‘Adoração do Cordeiro Místico’. Uma magistral redução minimalista da obra do pintor flamengo. Wilma começou eliminando o cordeiro (a redenção), mantendo apenas o vermelho do altar, que de retangular se transformou em semicírculo. Na gravura de Wilma, as figuras femininas, escavadas no branco, corresponderiam às ‘anjas’ que circundavam o altar. Agora, bem juntas, buscam ascender até o semicírculo vermelho. As figuras masculinas, negras, em conjuntos simetricamente agrupados, corresponderiam aos dois grupos humanos que aparecem, como que imobilizados, em primeiro plano na pintura de van Eyck – prelados com suas vestes vermelhas à direita, os de-*

Wilma Martins, *O encontro*

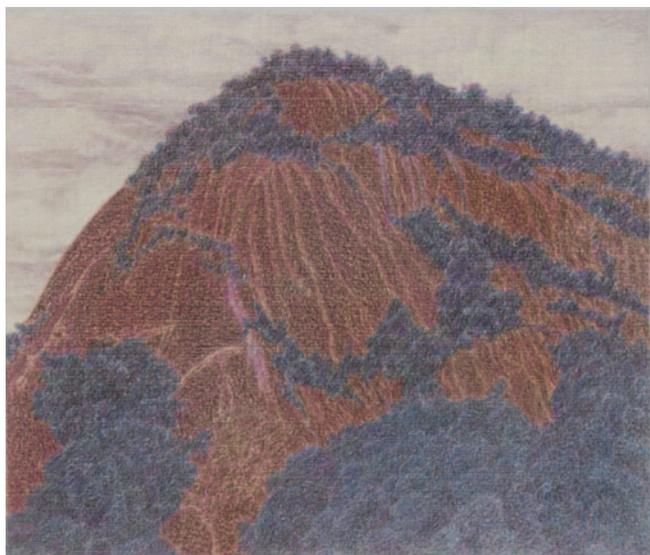
Foto: Vicente de Mello



*mais representantes da sociedade civil à esquerda. Ambos se movimentam em direção à pirâmide de mulheres, para expulsá-las dali ou, ao contrário, para nelas se fundirem e juntos ascenderem. Desvestidos por Wilma, homens e mulheres, brancos e negros, anjos e humanos todos se igualam em sua humanidade. Ou não”,* ressalta Frederico Morais.

### PINTURAS E DESENHOS

Também faz parte da exposição um pequeno núcleo com a produção mais conhecida de pinturas e desenhos de Wilma Martins, incluindo a última obra produzida por ela, *“Dona Marta 24h”*. *“Os trabalhos se diferem entre si pela luz que incide nas primeiras horas do dia, a sombra do entardecer ou o cair da noite. O vigésimo quinto desenho que compõe a instalação trata-se da mesma montanha em forma de quebra-cabeça (hobby de Wilma, assim como as palavras-cruzadas e os enigmas), onde cada peça representa uma hora dentre as 24h”,* conta Stefania.



Um caderno de bolso, cujas páginas trazem desenhos com paisagens do Rio de Janeiro, acompanhado por um bilhete escrito pela artista com instruções de uso, merece atenção. *“Cabe destacar especialmente a série de desenhos focalizando o maciço da Dona Marta e o pequeno caderno de papel artesanal, (11,5x8,5cm), registrando à maneira dos cicloramas do século XIX, no Rio e Janeiro, toda a extensão da paisagem captada de sua varanda: Urca, Pão de Açúcar, Botafogo, Laranjeiras, Silvestre, altos de Santa Teresa, Cristo Redentor”,* ressalta Frederico Morais.

Completam a exposição três obras realizadas no início da década de 1980: *“Santa Teresa I”, “Santa Teresa II”* e *“Santa Teresa com elefantes”*. São pinturas criadas a partir da janela do ateliê/casa de Wilma, no bairro do Cosme Velho, no Rio de Janeiro. *“Da parte mais baixa da cidade, ela pintou uma Santa Teresa suspensa, envolta em árvores e montanhas de cumes verdes. Pouco tempo depois, Wilma foi até o bairro de Santa Teresa, comprou o terreno que pintou tantas vezes, e ali ajudou a projetar a casa que tem uma varanda com vista para o ponto de onde ela olhava inicialmente. Esse deslocamento do ponto de origem criou uma conexão invisível, como um rebatimento da paisagem minuciosamente descrita por ela”,* conta Stefania.

*“É a paisagem invadindo a casa, o que não se trata de uma liberdade poética, mas uma sensação real, pois em certas horas do dia, dependendo da luminosidade, essa paisagem se projeta através da porta de vidro den-*

Wilma Martins, *Dona Marta 24h*

Foto: Vicente de Mello



Wilma Martins

Foto: Vicente de Mello

*tro da casa, como se desejasse completar a forma circular do ciclorama. Inversamente, a biblioteca projeta-se na paisagem, nos fins de tarde, misturando-se com as árvores. Dupla leitura: livros e árvores”, explica Frederico Morais.*

### SOBRE A ARTISTA

Wilma Martins Morais (Belo Horizonte, 1934 - Rio de Janeiro, 2022). Pintora, gravadora, desenhista, ilustradora, figurinista e diagramadora. Inicia seus estudos

artísticos em 1953, em Belo Horizonte, tendo como professores os artistas Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), Franz Weissmann (1911-2005) e Misabel Pedrosa (1927). A primeira individual ocorre em 1960, na Biblioteca Thomas Jefferson do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, em Belo Horizonte. Quando se muda para o Rio de Janeiro, em 1966, começa a trabalhar como diagramadora em revistas, e, à noite, dedica-se à xilogravura. No ano seguinte, expõe na Galeria Goeldi. Faz parte da Bienal Internacional de São Paulo em 1967, quando recebe o Prêmio Itamaraty pelo trabalho, e em 2016. Participa do Panorama de Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP) em diferentes anos (1971, 1974, 1976), tendo recebido, na última, o Prêmio Museu de Arte Moderna de São Paulo, na categoria pintura pela obra *Cotidiano XVI*, em que dois elefantes surgem em cena doméstica.

### SOBRE OS CURADORES

**Frederico Morais** (Belo Horizonte, 1934) é um dos principais nomes da crítica de arte do país, com 67 anos de atuação no Brasil e na América Latina. Produziu mais de 4.500 textos e análises críticas para jornais, revistas e catálogos. Publicou 41 livros no Brasil, México e Colômbia, além de ensaios e artigos em livros, revistas e catálogos em 20 países. É coautor de 35 livros e 51 catálogos e redator de textos de apresentação para 200 catálogos de exposições. Produziu, ainda, 29 obras audiovisuais, sendo considerado pioneiro do audiovisual no Brasil. Dirigiu e coordenou quatro instituições de arte, entre elas, o MAM Rio (1967 - 1973) e a EAV Parque

Lage (1986 - 1989). Foi também diretor e coordenador de exposições da Galeria de Artes Banerj, de 1984 a 1986. Realizou cerca de 70 exposições e eventos artísticos, atuando como curador. Foi responsável pela concepção e realização da I Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em 1997, em Porto Alegre. Em 1989, publicou o *Panorama das Artes Plásticas do Século XIX e XX*, reeditado em 1991. Escreveu diariamente para a coluna “Artes Plásticas”, do Jornal O Globo, durante mais de dez anos.

**Stefania Paiva** (vive e trabalha no Rio de Janeiro). Pesquisadora, curadora e editora de arte. Desde 2018 atua como *studio manager* do ateliê Cildo Meireles. Coordena o arquivo do crítico de arte Frederico Moraes desde 2015, onde produziu, editou e coordenou diversos projetos voltados à produção do crítico, assim como editou os últimos três livros sobre a artista Wilma Martins. Integra o núcleo de especialistas em exposições da Casa Firjan desde 2023. Foi coordenadora editorial da Francisco Alves Editora e da Barléu. Coordena e administra a produtora e editora Tamanduá desde 2014. Formada em jornalismo, cursou o Programa Aprofundamento: Criação Artística no Parque Lage (EAV, 2010). É mestre em Acervo e Memória pela Fundação Casa de Rui Barbosa (2019), doutoranda em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Autora do livro *Frederico Moraes e Cildo Meireles – Sobre arte e crítica*.

## SERVIÇO

### Exposição “Wilma Martins – Território da memória”

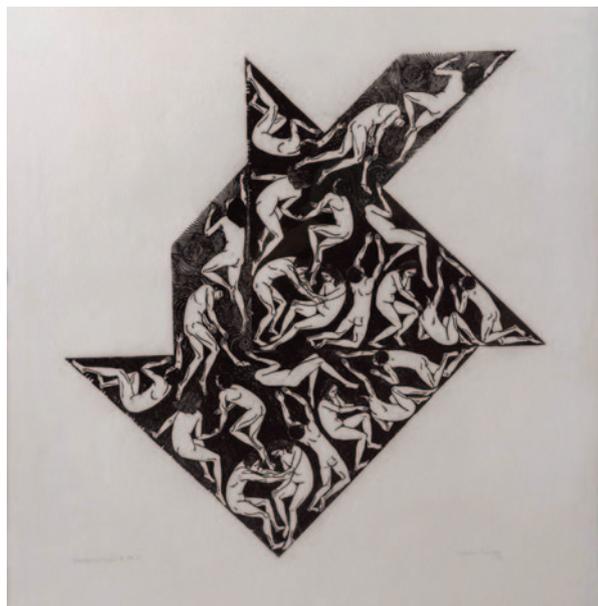
Até 20 de agosto

*Paço Imperial*

Praça XV de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Terça a domingo, das 12h às 18h

Entrada gratuita



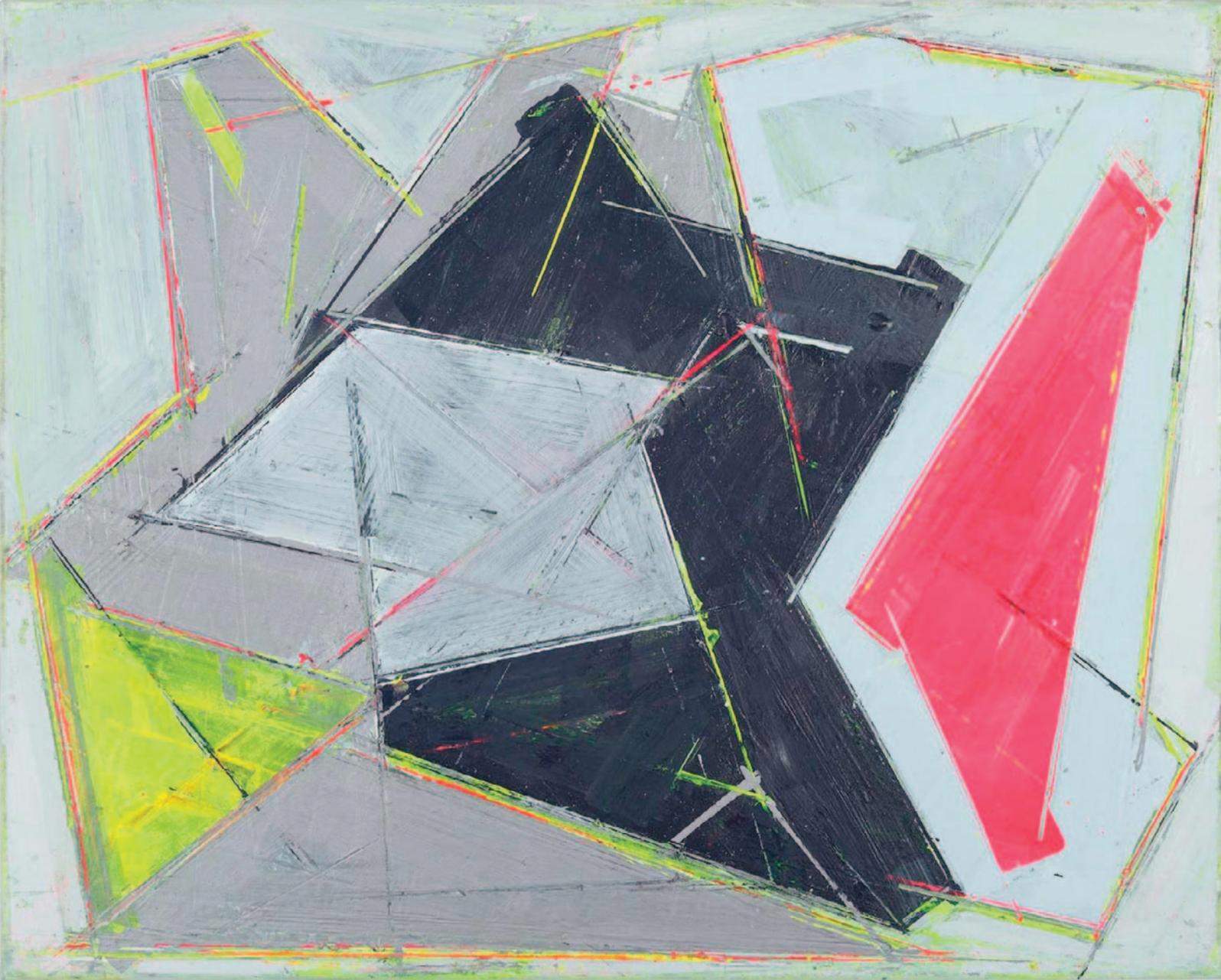


Foto: Jaime Acioli

# Daniel Feingold – Experiência Cromática no SESC Ramos, RJ

*Com curadoria de Paulo Venancio Filho, “Experiência Cromática”,  
do artista carioca Daniel Feingold, apresenta cerca de 50 pinturas  
recentes e inéditas, produzidas a partir de 2019*

A exposição exhibe a produção resultante de novas experiências do artista, iniciadas durante a pandemia: obras de pequeno formato – como uma maneira mais rápida e produtiva de trabalhar durante um período tão nebuloso. Mas o formato deu tão certo que o artista seguiu fazendo as “pinturinhas”.

*“De imediato, se percebe, que essas pinturas e desenhos de Daniel Feingold parecem conter uma tensão incompatível com seus pequenos formatos. O que está dentro quer ir além; tensionar o espaço pictórico, e a experiência cromática que elas proporcionam indica a inquietude que as cores exprimem”,* afirma o curador Paulo Venancio Filho.

Nos novos trabalhos, o artista cria campos cromáticos inéditos, explorando cores mais vivas, muitas delas em neon, além de introduzir o prata, trazendo mais luz e vitalidade para as telas. *“O fundo prata ou alumínio energiza fisicamente a superfície chapada”,* afirma o curador, ao destacar que as cores são fontes de energia: *“Elas são impulsivas, elétricas, ácidas, como uma dança de formas – cortes e angulações inesperadas, superposições dissonantes, continuidade e descontinuidade – que, entre si, disputam o espaço total e insistem em se conter nos limites da tela, que a custo a ação do artista procura controlar – o élan cromático gestual”.*

Destacam-se além das novas formas e cores, a utilização da tinta a óleo nos novos trabalhos. *“O óleo é uma tinta com alma, que se move, se refaz, se*



*perde e tem vida. Para essas pinturas só o óleo faz sentido, pois ele se movimenta, enruga, fere”,* revela o artista, que propositalmente deixa os “acidentes” de percurso na tela, como respingos e manchas, que acabam se incorporando à obra.

Feingold ressalta também a alegria de poder exibir seu trabalho em Ramos, bairro com o qual tem uma relação afetiva de longa data. *“Estudei durante cinco anos na extinta Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Silva e Souza, no período da noite. Foi uma fase muito boa, que contribuiu muito para a minha formação”,* conta

Formado em arquitetura, Daniel Feingold não faz nenhum esboço prévio antes de criar suas pinturas. *“As formas começam a ser ‘recortadas’ na hora. É tudo resolvido na tela, no momento da pintura”,* diz o artista, que morou muitos anos em Nova York, período *“muito esclarecedor para a minha poética de temática abstrata”*.

Além da exposição – que foi selecionada pelo Edital de Cultura Sesc RJ Pulsar 2022/2023 – estão previstas outras ações: visita guiada/bate-papo com o artista e o lançamento de um catálogo digital em formato e-book.

## **SOBRE O ARTISTA**

Daniel Feingold nasceu no Rio de Janeiro, em 1954. Formou-se em Arquitetura na FAUSS, RJ, em 1983. Estudou História da Arte e Filosofia na UNIRIO/PUC, de 1988-1992; Teoria da Arte & Pintura e Núcleo de Aprofundamento, na EAV Parque Lage, de 1988-1991 e fez mestrado no *Pratt Institute*, Nova York, em 1997.

Dentre as suas mais recentes exposições individuais estão *“Pequenos Formatos”* (2022/2023), no Paço Imperial, *“Urbano Chroma”* (2019) – *Projeto Tech\_Nô*, no Oi Futuro Flamengo; *“Acaso Controlado”* (2016), no Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba/PR, e (2017) no Museu Vale, Vitória/ES; *“Fotografia em 3 séries”* (2016), no Paço Imperial do Rio de Janeiro.

## **SERVIÇO**

**Exposição “Experiência Cromática”, de Daniel Feingold**

Até 24 de setembro

Sesc Ramos

Rua Teixeira Franco, 38, Ramos, Rio de Janeiro / RJ

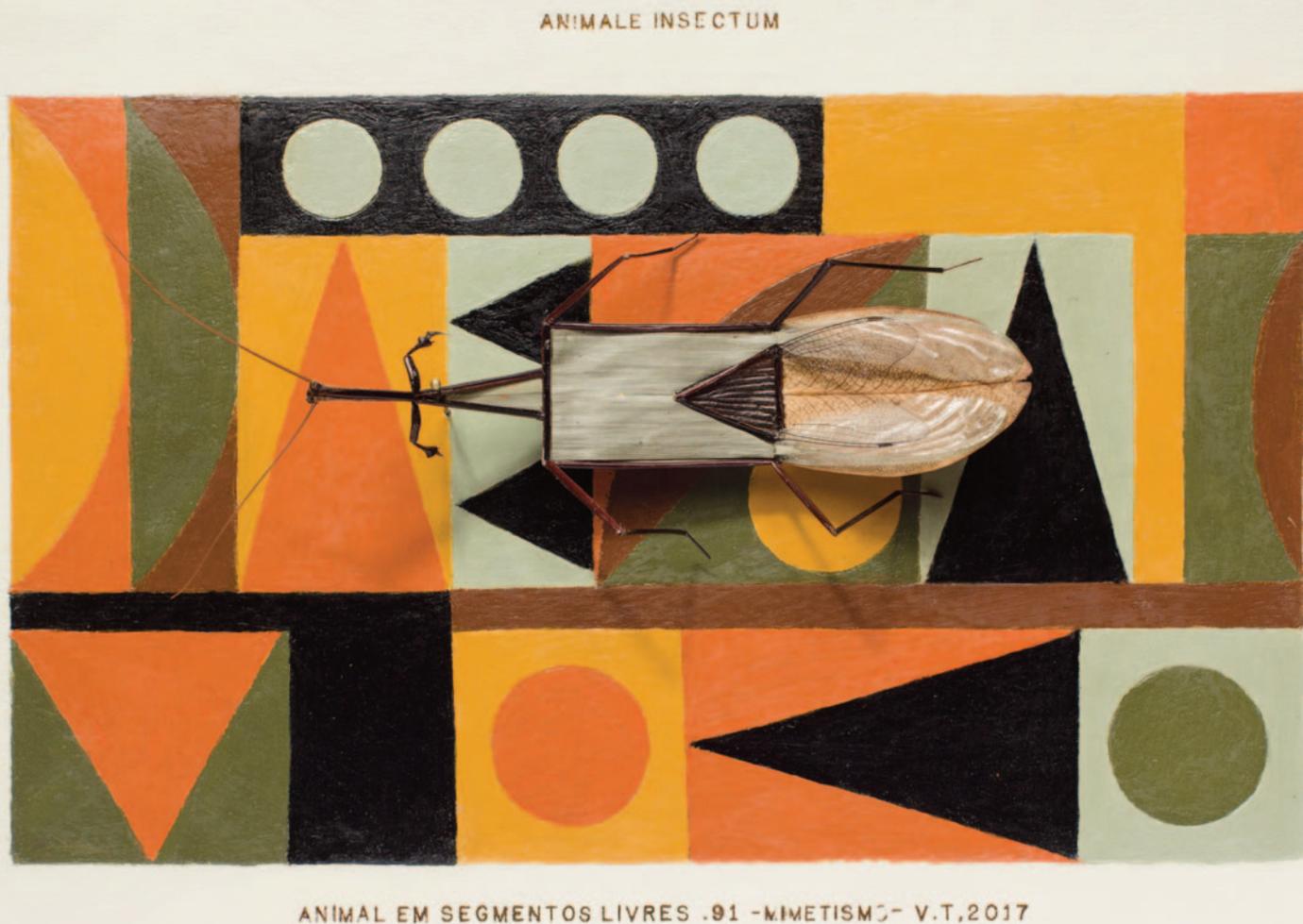
De terça a sexta, das 7h às 20h;

sábado e domingo, das 9h às 19h

(21) 4020.2101 | Entrada gratuita



# “APARÊNCIA” NO PAÇO IMPERIAL, RJ



Vitória Taborda, *Animale Insectum 91 M*

Foto: Divulgação

*Mostra de Vitória Taborda exhibe um jogo de ilusão e encantamento com a ressignificação de elementos da natureza*

Uma versão fabulosa e imaginativa da natureza pode ser considerada como a síntese do trabalho desenvolvido por Vitória Taborda, que exhibe *“Aparências”* no Paço Imperial, Rio de Janeiro, até 20 de agosto. Com curadoria de Vera Beatriz Siqueira, mais de uma centena de obras inéditas compõem a mostra, dividida em três séries: *Animale Insectum*, *“Paisagismo”* e *“Ovo Duro”*.

Em comum, todas as obras se apropriam de elementos retirados da natureza, reconfigurados e ressignificados. *“É um trabalho puramente estético, mimizando a natureza e a sua resistência a interpretações intelectuais. Tenho interesse na geometria, nas cores e formas encontradas na natureza”*, afirma a artista, carioca, que passou longa temporada nos Estados Unidos e hoje mora na região serrana, em uma casa encravada na Mata Atlântica.

## SÉRIES EM EXPOSIÇÃO

### *“Animale Insectum”*

Inspirada pelo significado em latim da palavra *“Insectum”*, que significa *“cortar em partes”*, a série é composta por trabalhos nos quais a artista cria novos insetos a partir de partes de insetos existentes. Em alguns destes trabalhos, Taborda coloca os insetos sobre pinturas geométricas, feitas por ela, como se estivesse mimetizando a pintura como estratégia de sobrevivência. Em pequenos formatos, medindo 15 cm x 10 cm e 15 cm x 22 cm, as obras são apresentadas dentro de caixas de coleções entomológicas, assemelhando-se à classificação biológica feita pela ciência.

### *“Paisagismo”*

Seguindo a mesma linha dos insetos, nesta série estão os trabalhos criados a partir de galhos, troncos e folhas

Vitória Taborda, *Animale Insectum (segmentado)* 3

Foto: Divulgação



secas. *“As obras são o resultado da seleção cuidadosa dos galhos finos recolhidos depois que caem, modelados em planos fabulosos de podas geométricas, de controle da neve, de casas fantásticas a serem mobilizadas por nossa imaginação”*, afirma a curadora Vera Beatriz Siqueira.

### “Ovo Duro”

*“Este projeto trabalha com a desconstrução da estrutura do ovo, um objeto percebido e compreendido universalmente, não só pelo seu formato como também pela consistência, informações que são imediatamente decodificadas”*, diz a artista. *“Vitória cuidadosamente desconstrói, esvaziando-os, recortando-os, colando-os uns aos outros. As configurações que alcança falam de uma nova unidade, mas também de coisas inevitavelmente partidas. São outros seres segmentados que re-locam a temporalidade simultaneamente passada e futura no agora da arte”*, completa a curadora.

### SOBRE A ARTISTA

Vitória Taborda estudou no Parque Lage nos anos 1980 e participou da exposição *“Como vai você Geração 80”*, em 1984, além de alguns salões de arte no Rio de Janeiro. Em 1988, foi para Nova York estudar Ilustração na *School of Visual Arts*. Estudou também encadernação e restauração de livros e produziu algumas edições limitadas de *Livro de Artista*, dois dos quais hoje pertencem à coleção do MoMA. A artista voltou ao Brasil em 2002.

### SOBRE A CURADORA

Vera Beatriz Siqueira é historiadora da arte, professora e pesquisadora do Instituto de Artes da Universidade

do Estado do Rio de Janeiro. É autora de vários livros sobre arte brasileira, incluindo *Arte no Brasil anos 20 a anos 40*, *Wanda Pimentel*, *Cálculo da Expressão: Goeldi, Segall, Iberê, Iberê Camargo, Burle Marx, Milton Dacosta*, além de vários artigos em livros e revistas. Atuou como curadora de exposições na Fundação Iberê Camargo, Museu Lasar Segall, Museus Castro Maya e Paço Imperial, entre outros espaços culturais.

### SERVIÇO

#### Exposição “Aparência”, de Vitória Taborda

Até 20 de agosto

Paço Imperial

Praça XV de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Terça a domingo, das 12h às 18h

Entrada gratuita



Vitória Taborda, *Animale Insectum 81*

Foto: Divulgação

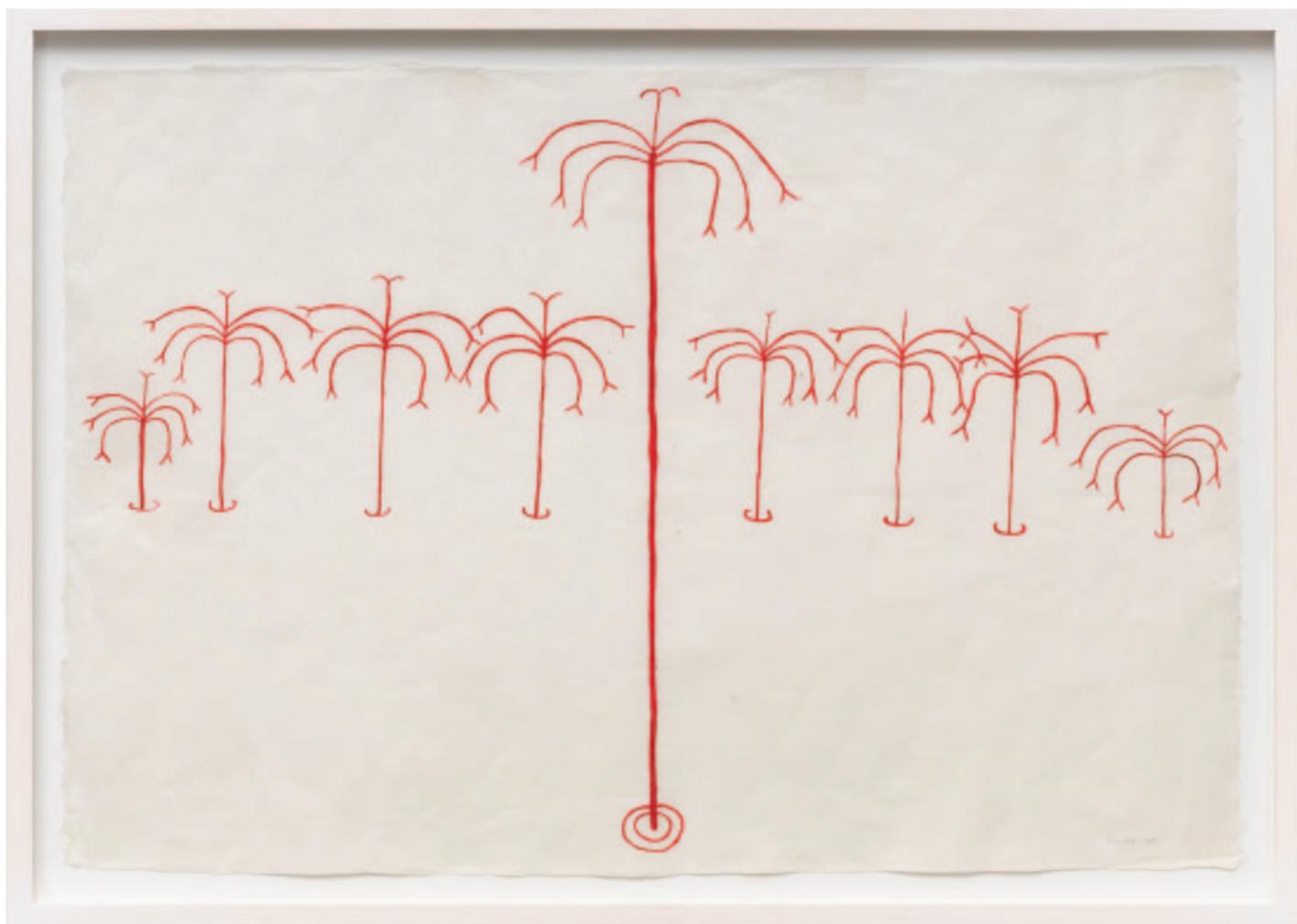


Vitória Taborda, *Animale Insectum 93M*

Foto: Divulgação

## Masp inaugura três novas mostras dedicadas às histórias indígenas, o tema da instituição em 2023

*Individual do artista Yanomami venezuelano Sheroanawe Hakihiiwe, cerâmicas e metais pré-colombianos do comodato MASP Landmann e vídeos de Sky Hopinka ocupam o 1º e o 2º subsolos da instituição*



Sheroanawe Hakihiiwe, *Tiriha sipe (Palmeira Tiriha)*, 2019

Foto: Eduardo Ortega

## SHEROANAWE HAKIHIIWE: TUDO ISSO SOMOS NÓS

Em pinturas e monotipos produzidos sobre papéis fabricados artesanalmente com o uso de fibras nativas como cana, algodão, amoreira, banana e milho, o artista exhibe a cosmogonia e as tradições ancestrais do povo yanomami da sua comunidade na Amazônia venezuelana

Sheroanawe Hakihiiwe (Sheroana, Alto Orinoco, Amazônia venezuelana, 1971) é um artista visual yanomami, que começou a produzir na década de 1990, depois de seu encontro com a artista mexicana Laura Anderson Barbata. Juntos, desenvolveram uma técnica de produção de papel com fibras vegetais nativas – material que utiliza como suporte para seus desenhos mínimos e delicados, com padrões e símbolos coloridos e texturizados sobre a vasta e intensa relação que sua comunidade tem com a paisagem. Sua obra é uma revisão contemporânea da cosmogonia e do imaginário yanomami.

*“O trabalho que faço nestes papéis é próximo de todo o universo que conheço com a uriji [floresta], que vejo quando ando por ela acompanhado das pessoas da comunidade e da família. As diferentes fontes das tintas usamos para fazer os pigmentos. Também conheço os animais e as plantas, seus rastros e como se movem na floresta. O shapori [xamã] fala comigo e me conta sobre as coisas, animais falam por meio dos xamãs, os espíritos nos ajudam”,* conta Sheroanawe Hakihiiwe.

O subtítulo da exposição *Ihi hei komithepekamieyamaki* (*Tudo isso somos nós*) foi uma sugestão do artista para incorporar a diversidade de elementos que formam sua

comunidade e seu entorno. Com 109 trabalhos, a mostra apresenta uma pequena parte desse universo a partir de desenhos, pinturas e monotipos produzidos sobre papéis artesanais, fabricados por Hakihiiwe com o uso de fibras nativas como cana, algodão, amoreira, banana e milho. Com cores e texturas distintas, esses suportes não são como os papéis neutros produzidos industrialmente, pois necessitam lidar com e contra o tempo em sua materialidade e conservação.



Sheroanawe Hakihiiwe, *Pisha hena (Folha)*, 2021  
Monotipia sobre papel de cana-de-açúcar  
Foto: Cortesia Galería ABRA/María Teresa Hamon

*“O artista trabalha de modo contínuo criando pinturas, monotipos e desenhos únicos, séries sobre um mesmo tema e motivos visuais que se reiteram. E tem um enorme cuidado com a preservação: seu trabalho é um ato de memória redefinidor de relações, leituras, relatos e visões acerca das percepções e das noções de representação, arquivo, registro, observação, sonho, tecnologia, natureza, cotidiano e história. Para que não se percam, para que não se tornem invisíveis todos esses conhecimentos, ele busca preservá-los em um trabalho de defesa e persistência de uma memória coletiva reconstruída e materializada em sua obra”,* ressalta o curador André Mesquita.

### **SOBRE SHEROANAWÉ HAKIHIIWE**

Sheroanawé Hakihiiwe iniciou sua produção artística em 1990 e, desde 2004, seus trabalhos têm sido apresentados em exposições individuais na Venezuela, no Brasil, na Inglaterra, Espanha e Portugal. Entre os prêmios que o artista recebeu, constam uma bolsa de residência do Pyramidón (Barcelona, 2021); o prêmio *Refresh Irinox*, na feira de arte contemporânea *Artissima* (Turim, 2019); e o primeiro prêmio da Bienal Internacional de Artes Indígenas Contemporâneas de Conaculta (Cidade do México, 2012). Esta é a primeira exposição do artista em um museu no Brasil.

## **CERÂMICAS E METAIS PRÉ-COLOMBIANOS**

Mostra do Comodato MASP Landmann reúne 721 objetos arqueológicos de arte produzidos por povos ameríndios entre os séculos 2 a.C. e 16

Esta é a segunda exposição dedicada ao comodato da coleção de arte pré-colombiana de Edith e Oscar Landmann, emprestada em 2016 para permanecer por um período de dez anos no museu. A primeira, que apresentou um conjunto de tecidos, integrou a programação do ano dedicado às Histórias das mulheres, histórias feministas, em 2019. Agora, chegam ao público os objetos do comodato atribuídos a 35 culturas arqueológicas do continente americano.



Mochica, c. 400-700.  
Vaso de alça estribo, cerâmica  
Foto: Jorge Bastos

Peças Chavín, Paracas, Nasca, Moche, Huari, Lambayeque, Chimú, Chancay, Inca, Calima, Tolima, Zenú e Muísca, assim como as Marajoara, da Amazônia brasileira, estão entre os exemplares do vasto legado histórico e científico construído pelas antigas populações de regiões que hoje pertencem aos territórios do Equador, Peru, Colômbia, Venezuela, Panamá, México, Brasil e dos países caribenhos.

*“A história das populações originárias do continente americano é pouco conhe-*

*cida pela maioria dos brasileiros, estando praticamente ausente em referências bibliográficas e nos livros didáticos produzidos no país. Por outro lado, a difusão do conhecimento arqueológico e etnográfico da América Indígena vem se ampliando a partir de iniciativas de museus e outras instituições do campo das artes. É neste cenário que se apresenta a segunda exposição do Comodato MASP Landmann”, pontua a curadora-adjunta de arte pré-colombiana Marcia Arcuri, MASP.*

A mostra reúne artefatos que espelham o diversificado repertório de ideias, gestos, técnicas e práticas materializadas principalmente em cerâmica e metal, mas também em madeira, pedra e osso, objetos cujas composições também integram plumas, fibras e pigmentos vegetais ou minerais.

Para identificar a proveniência dos objetos de coleções, os pesquisadores partem de metodologias que identificam semelhanças estilísticas entre diferentes artefatos, com o intuito de compará-las e analisá-las a partir de um quadro de designações culturais. Com base em informações sobre peças encontradas em contextos arqueológicos, associam-se os estilos a determinadas áreas de distribuição e periodizações de ocorrência. Contudo, as fronteiras espaciais e cronológicas das chamadas culturas arqueológicas nem sempre são claras, e, cada vez mais, novas pesquisas de campo e contextos de escavação provocam revisões dos entendimentos prévios.



Desconhecido, América/Peru, Costa, Colar, Concha  
Foto: Jorge Bastos

### COMODATO MASP LANDMANN

Desde 2016, está aos cuidados do MASP o Comodato MASP Landmann, com a Coleção Edith e Oscar Landmann — reconhecida entre os importantes acervos de arte pré-colombiana na América Latina e como um dos poucos presentes nos museus brasileiros. Ao longo de quase 50 anos, o casal reuniu 906 peças de arte pré-colombiana, entre têxteis, cerâmicas e metais. São obras produzidas por diferentes povos, a maioria da América do Sul, e que cobrem um espectro temporal de mais de 2.500 anos — entre 1200 a.C. e o século 16.

Poucas coleções no mundo reúnem conjuntos tão significativos, capazes de revelar a diversidade étnica e cultural do passado remoto do continente americano. Atribuem-se os exemplares da coleção a 35 distintas “culturas arqueológicas”, sendo esse o termo empregado para se referir aos conjuntos de artefatos que apresentam características estilísticas, tecnológicas e visuais comuns, que permitem inferir fronteiras culturais e temporais, bem como processos de interação e de trocas entre distintas populações pré-colombianas.

## SALA DE VÍDEO: SKY HOPINKA

Trabalhos do cineasta exibem a complexidade da identidade indígena contemporânea nos Estados Unidos

Sky Hopinka (Nação Ho-Chunk, Wisconsin/Pechanga Band dos Índios Luiseño, 1984) é um artista visual que expressa a sua opinião sobre a paisagem e a terra indígena utilizando de meios de comunicação pessoais, documentais e não ficcionais. Hopinka define seu trabalho como uma reflexão etnopoética, referindo-se a um conceito proposto pelo escritor e tradutor estadunidense Eliot Weinberger, em *The Camera People* (1992), que descreve o que acontece quando comunidades observadas, estudadas e filmadas por etnógrafos tradicionais, principalmente ocidentais brancos, decidem pegar as câmeras e filmar o que consideram necessário e relevante sobre si mesmas.

Em seus vídeos, o cineasta conta histórias que remetem à sua identidade e aos modos de vida indígenas, mergulhando profundamente em questões de sua origem

por meio de narrativas autobiográficas que se comunicam diretamente com o público nativo, sem a obrigatoriedade de explicar o significado aos espectadores não nativos.

*“Por meio de seu trabalho, o artista explora diferentes maneiras de questionar a complexidade da identidade indígena contemporânea. Se sua prática artística é inspirada pela comunidade à qual pertence, seu trabalho é uma maneira clara de resistir ao olhar etnográfico que busca situar, definir e determinar o que é autêntico e o que não é”,* pontua a curadora-adjunta de arte moderna e contemporânea, MASP, Marialnés Rodríguez.

Em *Kickingtheclouds* (2021), Hopinka reflete sobre seus descendentes e ancestrais, guiado por uma gravação de áudio de 50 anos atrás de sua avó aprendendo a língua



Sky Hopinka,  
*Mnemonics of Shape*,  
2021



Sky Hopinka,  
*Kicking the Clouds*,  
2021

pechanga com a sua mãe. O vídeo apresenta imagens de integrantes da sua família, a casa em que moram atualmente e objetos pessoais, além de uma entrevista com a mãe do artista que narra suas lembranças relacionadas ao áudio, à vida e a outros temas familiares.

Já *Mnemonics of Shape and Reason* (2021) percorre a memória de um lugar visitado pelo artista. Ele sobrepõe e remonta paisagens rochosas do deserto com uma trilha composta por textos e músicas, criando um relato rítmico das implicações espirituais da colonização.

### SOBRE SKY HOPINKA

Sky Hopinka é um artista visual nascido em 1984, membro da Nação Ho-Chunk de Wisconsin e descendente da Pechanga Band dos Índios Luiseño. Sua obra fez parte do *2017 Whitney Biennial*, *FRONT Triennial 2018 e Prospect.5*, em 2021. Foi curador convidado da *Whitney Biennial 2019* e participou do *Cosmopolis #2* no Centre Pompidou. Realizou exposição individual no Centro de Estudos Culturais, Bard College, em Nova York, em 2020, e, em 2022, na LUMA, em Arles, França. Recebeu o *Infinity Award in Art do International Center e do Alpert Award* para Filme/Vídeo, e bolsas de estudo, incluindo *The Radcliffe Institute for Advanced Study*, na *Harvard University*; *Sundance Art of Nonfiction*;

*Art Matters*; *The Guggenheim Foundation*; e O Projeto Forja. No outono de 2022, Hopinka recebeu uma bolsa MacArthur por seu trabalho como artista visual e cineasta.

### SERVIÇO

#### **Exposição *Sheroanawe Hakihiiwe: tudo isso somos nós***

Até 24 de setembro

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand  
– 1º subsolo (galeria)

#### **Exposição *Comodato MASP Landmann — cerâmicas e metais pré-colombianos***

Até 3 de setembro

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand  
– 2º subsolo

#### **Sala de vídeo: *Sky Hopinka***

Até 13 de agosto

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand  
– 2º subsolo

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand  
Avenida Paulista, 1578 – Bela Vista, São Paulo / SP  
Tel.: (11) 3149-5959 | [www.masp.org.br](http://www.masp.org.br)

**Horários:** terça grátis Bradesco, das 10h às 20h (entrada até as 19h); quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h); fechado às segundas  
Agendamento on-line obrigatório pelo link [masp.org.br/ingressos](http://masp.org.br/ingressos)

**Ingressos:** R\$ 60 (entrada); R\$ 30 (meia-entrada)

# CYBÈLE VARELA. IMAGINÁRIOS POP



Cybèle Varela, *De tudo que poder ser I*, 1967

## *MAC- USP traz a primeira exposição dedicada à produção inicial da artista, uma das figuras-chave da Nova Figuração no Brasil*

Com curadoria de Ana Magalhães, diretora do museu que recebe a mostra, e de Ariane Varela Braga, o MAC-USP, no ano em que comemora seus 60 anos, apresenta *Cybèle Varela. Imaginários Pop*, exposição que reúne uma seleção das pinturas e objetos mais emblemáticos da artista do final dos anos 60. Os trabalhos selecionados destacam o papel desempenhado pela cultura de massa, questões sociais e políticas, assim como as experiências transnacionais na realização da produção inicial de Varela; uma obra pioneira das questões feministas e que contribuiu para os discursos artísticos brasileiros e internacionais da Pop Art e Nova Figuração até a Figuração Narrativa.

As curadoras pontuam que o ano de 1967 foi significativo para a artista: o MAC-USP lhe concedeu o importante prêmio da exposição *"Jovem Arte Contemporânea"* e ela participou pela primeira vez da Bienal de São Paulo, onde *O Presente* – trabalho em forma de caixa – foi retirado pela polícia por motivos políticos, antes mesmo da abertura oficial do evento. A obra destruída foi refeita em 2018 e faz parte da exposição, que tem como ponto de partida os dois trípticos de Varela pertencentes à coleção do museu: *De tudo que pode ser* (1967) e *Cenas de rua* (1968).

Sobre *De tudo que pode ser*, ganhador do prêmio JAC, a artista explica que vinha explorando a questão da



Cybèle Varela, *Cenas de rua III*, 1968

Foto: Divulgação

transformação, de tudo que pode vir a ser. *“Numa sequência quase cinematográfica, pinte uma moça atravessando a rua e cruzando com algumas freiras; e, no momento do cruzamento, elas trocam de roupa. A moça veste a saia longa do uniforme religioso e as freiras a minissaia, que estavam na moda no período”.*

Segundo as curadoras, nos dois trípticos, e em seus outros objetos em forma de caixa, quebra-cabeças e



Cybèle Varela,  
*Múltiplo*  
*Um passeio feliz 2*,  
 1970-2023

Foto: Estúdio em Obra

pinturas em madeira, a artista explorou a representação do ambiente urbano, tingida de crítica social, questões de gênero e ironia. *“As obras são frequentemente definidas por linhas geométricas – como travessias para pedestres ou luzes e sombras – que marcam e estruturam o espaço de forma enigmática”*, ressalta a dupla.

#### **SOBRE A ARTISTA**

Cybèle Varela (Petrópolis - RJ, Brasil, 1943) viveu entre o Brasil, Paris, Genebra, Roma e Madri. Atualmente, com sua obra exposta no Centre Pompidou, é a única mulher viva do movimento Figuração Narrativa. Sua carreira começou no Brasil nos anos 60 e segue em Paris nos anos 70. Em 1975, foi a única artista mulher

selecionada para a exposição itinerante pela França *30 Créateurs – Sélection 75*, juntamente com Lindstrom, Pierre Soulages, Arman, entre outros. Com trabalho muito elogiado por críticos como Pierre Restany, Varela participou de centenas de salões, exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Além da IX Bienal Internacional de São Paulo, na qual teve a sua obra censurada, participou da X e XVII edições do evento paulistano, entre outras bienais. Suas obras fazem parte dos mais importantes acervos privados e públicos, entre os quais: *Reina Sofia* (Madri, Espanha), *Centre Georges Pompidou* (Paris, França), *Art Museum of the Americas* (Washington D. C., EUA), MAC-USP, MASP, MAM-SP; MAM-RJ, entre outros.

## SOBRE AS CURADORAS

Ana Magalhães é historiadora da arte, curadora, professora e atualmente diretora do MAC USP. É especialista em arte do século XX, em particular da modernidade nas artes visuais. Ariane Varela Braga é historiadora da arte e curadora independente. Interessa-se pelas intersecções entre as artes visuais, a arquitetura e a cultura material, desde o século XIX até a atualidade.

## LANÇAMENTO LIVRO: CYBÈLE VARELA. TRAJETÓRIAS

Paralelamente à exposição, será lançado o livro *“Cybèle Varela. Trajetórias”* pela editora italiana *Silvana Editore* (bilíngue inglês/português). O volume, organizado pelas curadoras da exposição, reúne ensaios e entrevista que lançam nova luz sobre o momento da aparição de Varela no cenário artístico nos anos 1960 no Brasil e nos anos 1970 na França.

Entre os textos, enquanto Magalhães traz *“Cybèle Varela no acervo do MAC USP”*, Paulo Miyada intitula seu ensaio de *“Do que se encerra em nosso peito juvenil”*. Já Camila Bechelany, em *“De tudo aquilo que pode ser”*, investiga a transição e liberdade na obra de Varela, e Rosa Olivares *“A fotografia como ideia”*. Por sua vez, Carolina Vieira Filippini Curie em *“As mulheres de Cybèle”* reflete sobre as representações do feminino nos anos 1960 e no presente; e Isabella Lenzi e Yuji Kawasima apresentam uma entrevista com a artista, *“Ninguém me deu coroa”*.

## SERVIÇO

### Exposição *Cybèle Varela. Imaginários Pop*

De 1º de julho a 1º de outubro

MAC-USP – Av. Pedro Álvares Cabral, 1301, São Paulo / SP

Horário de funcionamento:

Terça a domingo das 10 às 21 horas | Segundas: fechado

Entrada gratuita

Cybèle Varela, *O Presente*, 1967-2018

Foto: Divulgação





Exposição *Tempo imenso*, Lucas Arruda, 2020

Foto: Everton Ballardin

## Exposições inéditas na Casa de Cultura do Parque, SP

*A partir do dia 1º de julho, a Casa de Cultura do Parque apresenta três exposições inéditas que propõem um mergulho na fragilidade e intimidade humana.*

*Com Deborah Paiva, Danilo Oliveira, Felipe Cohen, Laura Vinci, Lucas Arruda e Paulo Pasta, as mostras trazem à tona reflexões sobre o tempo.*

*Com curadoria de Claudio Cretti, ficam em cartaz até outubro de 2023*

## Tempo imenso

A exposição coletiva *Tempo Imenso* conta com as participações de Felipe Cohen (São Paulo, 1976), Laura Vinci (São Paulo, 1962), Lucas Arruda (São Paulo, 1983) e Paulo Pasta (Ariranha, 1959), e texto crítico elaborado por Taisa Palhares. Essa seleção de artistas elabora um comentário em torno das temáticas do tempo e da perenidade do olhar, convidando os visitantes a uma apreciação atenta e minuciosa.

Os artistas, que trilharam seus caminhos em períodos distintos, estabelecem um diálogo entre suas obras –

uma oportunidade de reexaminar a história da arte contemporânea brasileira em relação à produção cultural da atualidade, permitindo uma compreensão mais aprofundada de suas características e significados.



Exposição *Tempo imenso*, Paulo Pasta  
Foto: Fernando Pereira



De cima para baixo: Exposição *Tempo imenso*,  
Felipe Cohen, *Convite*; Laura Vinci, *GNR*

Fotos: Divulgação

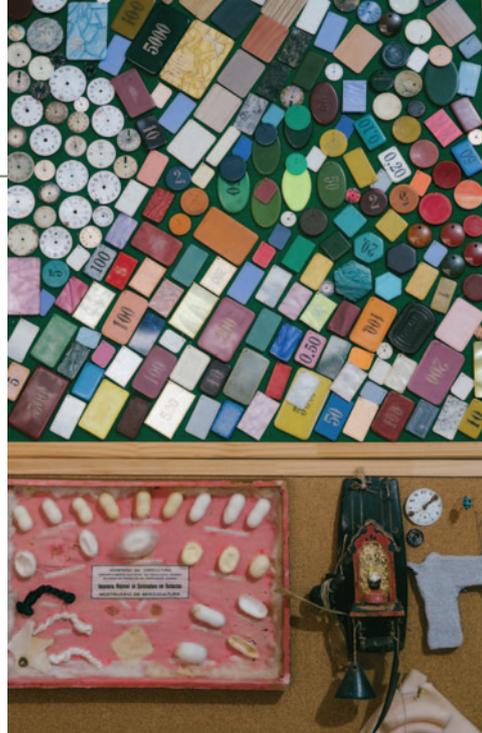


Deborah Paiva  
Foto:  
Fernando Pereira

### A liberdade é azul, de Deborah Paiva

A sala Gabinete recebe, de forma póstuma, a produção da artista matogrossense Deborah Paiva (Campo Grande, 1950-São Paulo, 2022). Paiva emergiu no cenário artístico no início dos anos 1990, com a pintura como sua principal forma de expressão, explorando os princípios da imagem e da materialidade dentro dessa linguagem. A partir dos anos 2000, as paisagens da artista deram lugar a um universo poético que orbitava em torno da representação da figura feminina. A exposição *A liberdade é azul* apresenta obras produzidas pela artista entre 2010 e 2021.

Apesar de não serem ostensivas, as obras abordam questões inerentes à prática da pintura, revelando notas biográficas em um ambiente delicado, onde figuras femininas se inserem em atividades diárias, como nadar, comer, ler, passear ou ir à escola. São retratos de jovens que não mostram seus rostos e, de certa forma, sempre parecem estar sozinhas, imersas em cores que sugerem intimidade e nos fazem cúmplices desses momentos.



Danilo Oliveira  
Foto:  
Fernando Pereira

### Museu Total, de Danilo Oliveira

Danilo Oliveira (Santo André, 1981) ocupa a parede do Projeto 280x1020 com *Museu Total*, que consiste em uma grande instalação com uma variedade de objetos, colagens, montagens, desenhos e pinturas. A instalação busca estabelecer conexões com a história da arte e apresenta objetos que perderam sua utilidade, seu valor ou foram substituídos. Dessa forma, o artista lança uma provocação sobre a relação que as pessoas têm com as coisas.



Danilo Oliveira  
Foto:  
Fernando Pereira

## A CASA DE CULTURA DO PARQUE

A Casa de Cultura do Parque é um centro cultural que busca aprofundar o vínculo das pessoas com a arte contemporânea através de oportunidades de aprendizado e vivências criativas. Ao mesmo tempo em que a Casa recebe exposições de artistas visuais, também promove uma série de atividades educativas. De cursos a shows, de visitas escolares a mostras de cinema, a Casa de Cultura do Parque tem como propósito contribuir para uma sociedade mais cidadã, mais diversa e mais inclusiva.

## O DIRETOR ARTÍSTICO

Claudio Cretti é artista e professor. Já realizou exposições em espaços como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, MAM, MAC, CCSP, entre outros. Fez parte da equipe de coordenação do serviço educativo do Instituto Tomie Ohtake e foi curador de programação edu-

cativa do Paço das Artes. Hoje, além de coordenar a residência artística *Campo em Obra* na Arco Escola-Cooperativa, Cretti também lidera a direção artística da Casa de Cultura do Parque.

## SERVIÇO

**Exposição *Tempo Imenso*, de Felipe Cohen, Laura Vinci, Lucas Arruda e Paulo Pasta**

**Exposição *A liberdade é azul*, de Deborah Paiva**

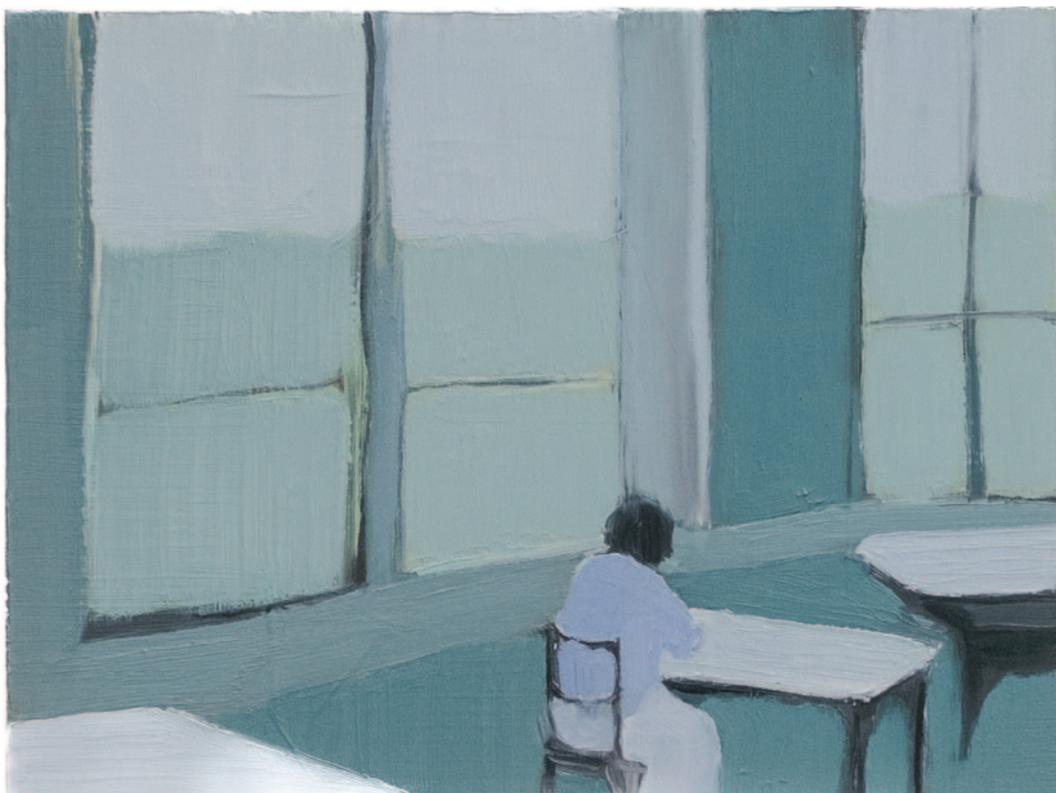
**Exposição *Museu Total*, de Danilo Oliveira**

Abertura: 1º de julho, das 14h às 18h  
(gratuita e para todo o público)

Período expositivo: 1º de julho a 1º de outubro  
*Casa de Cultura do Parque*

Av. Professor Fonseca Rodrigues, 1300, Alto de Pinheiros,  
São Paulo / SP

Quarta a domingo, das 11h às 18h



Exposição  
*A liberdade é azul*,  
Deborah Paiva  
Foto: Fernando Pereira

# VIRTUOSI chega a sua 13<sup>a</sup> edição em Gravatá, Pernambuco



Orquestra Jovem

Foto: Flora Pimentel

*Festival acontece de 14 a 23 de julho na Igreja Matriz de Sant'Ana*

Com direção musical da pianista Ana Lúcia Altino, o XIII Virtuosi Gravatá acontece entre os dias 14 e 23 de julho na Igreja Matriz de Sant’Ana, levando ao público gratuitamente extensa programação com a participação de instrumentistas de excelência. O evento tem o patrocínio do Ministério da Cultura e Prefeitura de Gravatá.

O recital “*Canções que meu pai me ensinou*” inaugura essa edição do festival na sexta, dia 14, às 20h30. Na programação, obras de Marlos Nobre, Brahms, Villa Lobos, Tchaikovsky e Paganini, com o violoncelista Leonardo Altino e sua mãe Ana Lúcia Altino, em homenagem póstuma ao Maestro Rafael Garcia, falecido em outubro de 2021. O duo formado por mãe e filho há mais de trinta anos – com apresentações também na Europa, Estados Unidos e América do Sul – frequentemente viajava com o violinista Rafael Garcia, marido de Ana Lúcia e pai de Leonardo.



Ana Lúcia Altino  
Foto: Hannah Carvalho



Leonardo Altino  
Foto: Divulgação

No sábado, 15, às 11h, o jovem pianista Luis Felipe Oliveira apresentará recital com obras de Mozart, Liszt,

Rachmaninoff, celebrando os 150 anos do nascimento do compositor. Natural de Gravatá, Luis Felipe, Bacharel em Piano pela UFPe, já foi premiado em importantes competições, entre as quais *Rachmaninov International for Young Pianists* (2015); Souza Lima (2018); Nacional de Piano da Universidade Mackenzie (2015) e *Edna Bassetti Habith* (2017).



Luis Felipe Oliveira

Foto: Hannah Carvalho

À noite, a partir das 20h30, será a vez do *Ensemble Vocal Cantamus & Collegium Musicum do Recife*, sob a regência do maestro Gilson Celerino. No programa, Missa em Sol de Schubert e o Magnificat de Johann Sebastian Bach. Coro de câmara recifense especializado em música sacra, o Ensemble Vocal Cantamus foi fundado em 2015. Dentre as obras já apresentadas integralmente pelo Ensemble, merece especial menção a Paixão segundo São João, de Johann Sebastian Bach. Organista e compositor, Gilson Celerino é o diretor artístico e regente do grupo; estudou órgão e regência

na Escola Superior de Música, Teatro e Mídia de Hanôver (*Hochschule für Musik, Theater und Medien Hannover*), pela qual se graduou em Música Sacra (*Kirchenmusik*).

O Virtuosi retorna à Igreja Matriz de Sant’Ana na quinta, dia 20, às 20h30, com o recital do violista Rafael Altino, tendo Lucas Thomazinho ao piano. As sonatas de Cesar Franck (escrita para violino) e de Rachmaninoff (para violoncelo) serão executadas na viola. Rafael Altino é violista principal da Sinfônica de Odense, Dinamarca. Além de participar de concertos e festivais internacionais, ensina nas Academias de Música Carl Nielsen, Odense e Malmö, Suécia. Toca em uma viola francesa do final de 1700 de autor desconhecido com um arco James Tubbs cedidos pelo *Instrumentfonden* da Sinfônica de Odense. Gravou o CD “*Viola a Rafael*” e o Concerto Steppenwolf de Christian Lindberg pelo selo Bis.



Rafael Altino  
Foto: Divulgação



Lucas Thomazinho  
Foto: Heloisa Bortz

O concerto de música de câmara, que reúne o violinista italiano residente no Brasil Emmanuele Baldini, o vio-

Emmanuele Baldini  
Foto: Veroni Girelli

lista Rafaell Altino, o violoncelista Leonardo Altino e o pianista Lucas Thomazinho, será realizado na sexta 21, às 20h30.

Começa com a apresentação da Serenata para Cordas do compositor húngaro Dohnanyi, composta para violino, viola e violoncelo e segue com o Trio Op.8 de Johannes Brahms. Para o Trio, Emmanuele Baldini e Leonardo Altino se juntam ao pianista Lucas Thomazinho.

Nascido em Trieste, Itália, Emmanuele Baldini iniciou os estudos de violino com Bruno Polli e em seguida na classe de virtuosidade de Corrado Romano em Genebra. Venceu o primeiro concurso internacional aos 12 anos; mais tarde, o *Virtuosità* de Genebra e o Fórum *JungerKünstler* de Viena. Foi *spalla* da Orquestra do Teatro Comunale de Bolonha e no Teatro Giuseppe Verdi de Trieste, atuando também como concertino na Orquestra do Teatro alla Scala, de Milão. Como solista, tocou com orquestras como a *Rundfunk Sinfonieorchester* Berlin e *Suisse Romande*, entre outras. É *spalla* da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e membro do Quarteto de Cordas OSESP.



No sábado, 22, às 11h, será lançado do CD “*Compositoras Brasileiras: Música para viola*” com Rafael Altino e sua mãe a pianista Ana Lúcia Altino. O CD é um projeto aprovado pelo Funcultura do Governo de Pernambuco e conta com obras encomendadas para Rafael das compositoras brasileiras Marisa Rezende, Jocy de Oliveira, Ilza Nogueira, Silvia de Lucca, Tatiana Catanzaro e Rami Levin. O CD também será lançado digitalmente pelo selo Azul Music durante o mês de agosto.

O concerto da Orquestra Jovem de Pernambuco, sob a regência de Nilson Galvão, acontece às 20h30. O programa conta com os solistas Emmanuele Baldini, violino; Rafael Altino, viola; e Leonardo Altino, violoncelo. Obras de Mozart, Haydn, Sarasate e Sivuca serão apresentadas. A Orquestra Jovem de Pernambuco foi criada em 1986 e foi reativada em 2005 durante a realização do projeto *A Fábrica de Música* pelo Maestro Rafael Garcia.

Encerrando o XIII Virtuosi de Gravatá, no domingo, 23, às 11h, será realizado o recital do pianista Lucas Thomazinho. Premiado com o *Finalist Prize* no *XIX Santander International Piano Competition* (Espanha), o músico vem desenvolvendo uma trajetória de destaque. Aos nove anos, ganhou o primeiro concurso, vencendo desde então mais de uma dezena de concursos nacionais e internacionais, dentre eles o 1º lugar no *XVIII Santa Cecília International Competition*. Já atuou como solista das orquestras RTVE, Filarmônica de Minas Gerais, Campinas e Beiradas. Apresentou-se em diversos recitais no Brasil e no exterior com destaque para seu concerto no encerramento da 2ª edição do

festival “*The Music World*” em Ponta Delgada. Foi bolsista da Fundação Magda Tagliaferro, em 2017 lançou seu primeiro CD pelo selo KNS Classical com patrocínio da Cultura Artística. Lucas apresenta obras de Schubert, Scriabin, Cervo e Liszt.

## SERVIÇO E PROGRAMAÇÃO

### XIII Virtuosi de Gravatá

*Igreja Matriz de Sant’Ana*

R. Rui Barbosa, Centro, Gravatá / PE

Tel.: (81) 3533-0556

14, 15 e 20 a 23 de julho

#### Programação

##### **Sexta, 14 | 07**

**20h30** – Concerto de Abertura

Canções que meu pai me ensinou

Leonardo Altino, cello | Ana Lúcia Altino, piano

##### **Sábado, 15 | 07**

**11h** – Mozart, Liszt e Rachmaninoff

Luis Felipe de Oliveira, piano

**20h30** – Schubert & Bach

Ensemble Vocal Cantamus & Collegium Musicum do Recife

Gilson Celerino, regente

##### **Quinta, 20 | 07**

**20h30** – Franck & Rachmaninoff

Rafael Altino, viola | Lucas Thomazinho, piano

##### **Sexta, 21 | 07**

**20h30** – Dohnanyi & Brahms

Emmanuele Baldini, violino | Rafael Altino, viola

Leonardo Altino, cello | Lucas Thomazinho

##### **Sábado, 22 | 07**

**11h** – Compositoras Brasileiras: Música para viola

Lançamento do CD

Rafael Altino, viola | Ana Lúcia Altino, piano

**20h30** – Mozart, Haydn, Sarasate & Sivuca

Emmanuele Baldini, violino | Rafael Altino, viola

Leonardo Altino, cello | Orquestra Jovem de Pernambuco

Nilson Galvão, regente

##### **Domingo, 23 | 07**

**11h** – Fantasia

Lucas Thomazinho, piano



Still *Pixote: A Lei do Mais Fraco*

## MUBI FEST anuncia a programação completa da edição 2023

*Evento terá um especial de Wong Kar-Wai em 4k, sessão de Pixote: A Lei do Mais Fraco em versão restaurada e a estreia nacional de Rotting in the Sun*

A MUBI, distribuidora global, serviço de streaming e produtora, anuncia a programação completa do MUBI FEST 2023, que será realizado de 14 a 16 de julho, na Cinemateca Brasileira, em São Paulo. A partir deste ano, o evento torna-se uma iniciativa regional, com edições em mais quatro cidades da América Latina: Bogotá (Colômbia), Buenos Aires (Argentina), Cidade do México (México) e Santiago (Chile).

Além da exibição dos filmes, que vão de um especial dedicado a Wong Kar-Wai ao clássico nacional *Pixote: A Lei do Mais Fraco*, em versões restauradas, o MUBI FEST 2023 terá espaços interativos, onde os visitantes poderão participar de um quiz valendo prêmios.

O MUBI FEST 2023 é uma realização MUBI, com produção da Limón e apoio institucional da Cinemateca

Brasileira, Vinho22 e Al Cinema Pizza, além das distribuidoras Synapse, Imovision, O2 Play e HB Filmes, que cederam os direitos de exibição dos filmes.

## SERVIÇO / PROGRAMAÇÃO

### MUBI FEST 2023

De 14 a 16 de julho

Cinemateca Brasileira

Largo Senador Raul Cardoso, 207, Vila Mariana, São Paulo / SP

Ingressos gratuitos devem ser retirados no local,

uma hora antes de cada sessão

### Programação

#### Sexta-feira, 14 de julho

16h – CHUNGKING EXPRESS – Wong Kar-Wai

19 – IN THE MOOD FOR LOVE – Wong Kar-Wai  
Sessão Open Air (Sujeita a mudanças devido às condições climáticas)

21h – FALLEN ANGELS – Wong Kar-Wai

#### Sábado, 15 de julho

16h – BEM-VINDOS A BORDO – Emmanuel Marre,  
Julie Lecoustre

18h30 – AFTERSUN – Charlotte Wells – Sessão Open Air  
(Sujeita a mudanças devido às condições climáticas)

19h – ROTTING IN THE SUN – Sebastián Silva  
Première Nacional

21h – PASSAGENS – Ira Sachs

#### Domingo, 16 de julho

15h – EU NÃO SOU UMA BRUXA – Rungano Nyoni

17h – O ÓDIO – Mathieu Kassovitz

19h – PIXOTE: A LEI DO MAIS FRACO – Hector Babenco



*Still Rotting in the sun*



*Still Chungking Express*



*Still Fallen Angels*



Katie van Scherpenberg, *Jardim Vermelho*, 1986/2023

Foto: Site Ceclia Brunson Projects / Reprodução

# PAISAGENS DE KATIE VAN SCHERPENBERG

Pinturas, fotos e intervenções paisagísticas  
da artista promovem reflexões  
na Cecilia Brunson Projects, Londres

Maria Hermínia Donato

O fenômeno do El Niño trouxe para Londres um calor inesperado e antecipado. Impossível não sentir saudades do Brasil! Especialmente num fim de tarde quente e ensolarado, ao mergulhar nas paisagens icônicas de Katie van Scherpenberg, em exposição na Cecilia Brunson Projects. Essa é a segunda mostra da artista brasileira em Londres; a primeira foi exibida na mesma galeria, em 2021, com curadoria de Kiki Mazzucchelli e Gabriel Pérez-Barreiro.

As obras de Katie – que se distingue no cenário da arte pelo permanente tratamento da pintura como processo de problematização do olhar e da tradição artística – exibem uma forte conexão entre passagem e paisagem. A pintora considera que a mostra é em si passageira na paisagem de sua pintura.

Katie van Scherpenberg teve uma formação cosmopolita muito interessante. Nascida em São Paulo em 1940, filha de pai diplomata alemão naturalizado holandês e mãe noroeguesa, passou a infância e juventude entre o Brasil e a Europa – morou na Inglaterra e estudou arte em Munique e Salzburgo, antes de retornar ao Rio de Janeiro e se estabelecer na Ilha de Santana, uma ilha remota no delta amazônico, adquirida por seu pai. No final dos anos 1960, van Scherpenberg muda-se para lá onde permaneceu por 20 anos.

Trabalhando sob a ditadura brasileira, quando os estoques dos artistas eram escassos, foi na Ilha de Santana

que a artista começou suas experiências com pigmentos locais encontrados no Amazonas, desenvolvendo formas de criar corantes naturais a partir do solo. Um projeto pioneiro de relação com natureza baseada no convívio e não no extrativismo.

## “A pintura me ensinou a viver”

Katie van Scherpenberg

Com forte fundamento na pintura, sua obra transita por diversas linguagens como instalação, vídeo, arte ambiental e fotografia, incluindo as intervenções paisagísticas, nas quais promove reflexões sobre questões sociais, econômicas, políticas e ambientais do Brasil. A exposição mostra trabalhos de 1960 a 2000 e suas investigações sobre a paisagem.

Para Katie van Scherpenberg, suas obras têm uma continuidade ao longo do tempo e, enquanto puder, irá abordar a questão da destruição das florestas. As experimentações da artista, com suas intervenções efêmeras na paisagem, as quais ela chama de *Landscape Painting*, tiveram início nos anos 1980, com a utilização de diferentes tipos de pigmentos usados em praias, jardins e rios.

Esses trabalhos performáticos da ecofeminista fazem parte da exposição. É a primeira vez que são exibidos fora do Brasil.



Katie van Scherpenberg, *Queda de Ícaro*, 1980

Foto: Site Cecllia Brunson Projects / Reprodução

## ÍCONES DA EXPOSIÇÃO

### *Queda de Ícaro*, 1980

Inspirada no quadro do mesmo título de Pieter Bruegel, a obra é um marco na produção da artista. É composta por uma sequência de cinco telas brancas, nas quais é colocado, sempre à mesma altura, um pequeno relevo cilíndrico branco construído pela superposição de um pedaço de tela sobre o suporte. Em cada quadro, Scherpenberg pinta uma barra negra horizontal em diferentes posições, em relação ao relevo. Nesses trabalhos o ponto de interesse não é a perspectiva, mas a exploração de questões pictóricas.

Segundo o curador Gabriel Pérez-Barreiro, em *A Queda de Ícaro* a artista articula pela primeira vez “a relação entre o corpo humano, a natureza, a pintura e a indiferença”. Como ele aponta, a obra é desprovida de qualquer drama individual; o que mostra é um corpo caindo no espaço ou, nas palavras de Pérez-Barreiro, “o drama da natureza e do próprio tempo”.

### *Menarca*, 2007

*Performance realizada na praia de Boa Viagem em Niterói.* Uso de pigmento vermelho para “pintar” a água, fazendo referência à menarca, primeiro fluxo menstrual feminino. Usando a água como tela a artista deixa uma

marca passageira na natureza que se encarrega de desaparecer com a cor.



Katie van Scherpenberg, *Menarca*, 2007

Foto: Site Cecllia Brunson Projects / Reprodução

### *Jardim Vermelho*, 1986/2023

Uma das obras mais importantes de van Scherpenberg. Em *Jardim Vermelho*, o pigmento de óxido de ferro cobre o campo aberto em frente ao prédio histórico do Colégio Parque Lage de Artes Visuais, no Rio de Janeiro. Com o passar dos dias, a grama germina e o verde lentamente se mistura com a superfície vermelha, criando uma pintura viva com o movimento da natureza e o dispersar dos pigmentos orgânicos.



Katie van Scherpenberg, *Miragem / Tempestade sobre o Amazonas*, 2003

Foto: Site Ceclia Brunson Projects / Reprodução

### ***Miragem / Tempestade sobre o Amazonas, 2003***

Van Scherpenberg continuou a desenvolver trabalhos da série *Feuerbach*, refletindo sobre o tempo que passou na Amazônia, desconstruindo a pintura de paisagem de Anselm Feuerbach com seu profundo conhecimento de materiais e pigmentos. Essas pinturas podem parecer enganosamente convencionais, mas elas aparecem como uma espécie de momento da tradição pictórica ocidental e o mundo natural da Amazônia. Poucos artistas no Brasil se engajaram tão profundamente na busca do conhecimento por meio da pintura como Katie van Scherpenberg.

### ***Esperando por papai, 2004***

*Ação performática à beira do rio Negro, Amazonas.*

A artista sentada ao lado de uma mesa, num final de tarde com a água pela cintura. Sobre a mesa, meio encoberto pela água, está um lampião aceso. As imagens captam o pôr do sol e a substituição da luz natural pela iluminação de uma lamparina, enquanto aguarda...Espera o passar das horas, medidas pelas marés cheia e vazante, chuvas e estiagem. A água avança sobre as areias da praia, chega à cintura da artista, que permanece sentada, aguardando as águas sobre seu colo no cair da tarde, em que a luz natural vai sumindo.

A performance lida com o tempo e sua incidência na natureza e nos faz refletir sobre a forma com lidamos com ele em nossas vidas.



### SERVIÇO

Exposição *Katie van Scherpenberg*

*Traces: 1968 - 2007*

Até 28 de julho

*Cecilia Brunson Projects, Londres*

<https://www.ceciliabrunsonprojects.com/artists/135-katie-van-scherpenberg/>



Arte

Cultura

Gastronomia  
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra  
notícias boas*

**OXIGÊNIO**  
revista

Seus clientes  
ou sua empresa  
têm boas notícias  
para dar?

Então o lugar é aqui.

**ANUNCIE.**

Solicite nosso Mídia Kit.

[oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com)

(21) 3807-6497 / 97326-6868